

REVISTA

EDIÇÃO Nº 92 | FEVEREIRO DE 2023

# CONEXÃO LITERATURA™

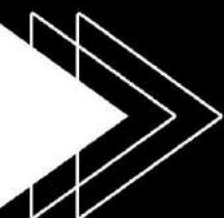
PORQUE AMAMOS LIVROS



Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br



**PRATIQUE O HÁBITO  
DA LEITURA!**

**CONFIRA**

ARTIGOS, RESENHAS  
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,  
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS  
E MUITO MAIS...

# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Vem cá, gambá!, por Bert Jr., pág. 06**
- Poema: Liberdade, por Maria Neta, pág. 11**
- Dicas para leitura, pág. 13**
- Uma experiência Poética, Cultural e Turística em Goiás, cidade da Poeta Cora Coralina, por Gercimar Martins, pág. 14**
- Poema: Platonices, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 20**
- Poema: Novo tempo chegou, por Henrique Cananosque Neto, pág. 22**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 26**
- Poemas de Wanda Rop, pág. 32**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 36**
- Poema: Novo dia, por Antonio Di Bianco, pág. 42**
- Entrevista com Anna Osta, pág. 43**
- Entrevista com Edvaldo Silva, pág. 48**
- Entrevista com Dods Martinelli e Edilson Rodrigues, pág. 54**
- Citações de grandes autores, pág. 59**
- Conto: Virado à paulista (parte II), por Bert Jr., pág. 64**
- Miniconto: A viagem de Virgínia, por Míriam Santiago, pág. 72**
- Conto: Balada do cemitério do Alecrim, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 74**
- Conto: Os donos da terra, por Idicampos, pág. 80**
- Conto: A caminho de Santa Clara, por Iraci J. Marin, pág. 83**
- Conto: Orações de pombos, por Ney Alencar, pág. 87**
- Conto: Caixa de memórias, por Roberto Schima, pág. 90**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 101**



## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## PAULO COELHO

"Quantas coisas perdemos por medo de perder."

## JOSÉ SARAMAGO

"Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

Iniciamos o mês com mais uma edição da Revista Conexão Literatura, com destaque para diversos poemas, além de entrevistas, contos, dicas de livros e muito mais.

E para você que deseja publicar em nossa revista ou mesmo divulgar a sua editora ou o seu livro, saiba mais: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

### CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura



**ENTRE EM CONTATO**

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# DEM CÁ, GAMBÁ!

Por Bert Jr.



Já imaginou uma campanha *ecofriendly* com o lema “Vem cá, gambá”; ou então: “Abraça já o seu gambá”? Pode soar estranho, mas algo assim já vem acontecendo por iniciativa de ambientalistas brasileiros, defensores da causa pró-gambá. A expansão das áreas urbanizadas leva, não rara vez, a que se invada o habitat desses simpáticos marsupiais – aqueles mamíferos que já vêm com bolsa embutida na barriga (coalas, cangurus & cia.) –, colocando-os, involuntariamente, em contato com os seres humanos, também mamíferos só que com bolsas avulsas, pelas quais nos dispomos a pagar pequenas fortunas. Como se pode imaginar, o resultado desse encontro tem sido dramaticamente desvantajoso para os gambás, que se tornam alvo de maus tratos e agressões, muitas vezes letais.

Conforme aprendi recentemente, graças a um destacado ambientalista amigo meu, as quatro espécies de gambá distribuídas pelo país são inofensivas e, inclusive, benéficas, pois ajudam no combate a inúmeras pragas e animais peçonhentos, tais como escorpiões e cobras. Não obstante esse fato, o gambá segue sendo vítima de uma aversão irracional generalizada, fundada quer em superstições – o temor quanto à malignidade das “criaturas da noite” – quer em ideias sem lastro na realidade, como a de que os gambás são transmissores de doenças e insuportavelmente fedorentos (esta última acusação é verdadeira para uma espécie diferente: o cangambá, encontrável na América do Norte e popularizada nos cartoons da Warner Bros.).

Para além dos argumentos racionais em seu favor, e da gratificação moral comum às lutas contra as injustiças, a causa pró-gambá ganha notável ímpeto quando vemos as ternas imagens dos filhotinhos órfãos recebendo cuidados básicos, de modo a que possam sobreviver. São incrivelmente fofos, com seus olhinhos vivazes, seus focinhos que se afunilam até terminar em ventas de coloração rosada, e suas grandes orelhas, sinônimo de uma audição sensível, ferramenta capaz, junto com o faro e a visão aguda, de torná-los eficientes caçadores noturnos.

Tudo somado, eis-me aqui, disposto a fornecer argumentos para que mais e mais pessoas não só apoiem a causa em prol da preservação dos gambás (também chamados saruês, ou sariguês), como se engajem na campanha para mudar a norma ambiental vigente, de modo a permitir que os interessados adotem gambazinhos em situação de risco, transformando-os em novos membros da família. A seguir, alguns pontos que, a meu ver, poderiam constituir vantagens ao se adotar um gambá como animalzinho de estimação.

- Se você é sociável e gosta de conhecer gente nova, saiba que passear por aí levando junto um gambá despertará a curiosidade das pessoas em geral. Vários transeuntes irão se aproximar, querendo saber qual a raça do seu animalzinho. Para não provocar a fuga dos curiosos, você poderá dizer que se trata de um furão-de-rabopelado ou, se preferir, uma raposinha da Capadócia, ou um mangusto de Madagascar. Eles ficarão surpresos, evidente, e isso lhe dará margem para agregar informações adicionais. Com sorte, a conversação poderá render até o ponto em

que surja uma nova amizade, ou se obtenha o número de telefone de alguém particularmente interessante.

- Se você for do tipo antissocial, bastará revelar a verdadeira identidade da criaturinha a seu lado para que todos se afastem, repugnados. Se quiser um efeito dissuasor ainda mais eficiente, capaz de prevenir qualquer possível abordagem, você poderá mandar confeccionar uma roupinha para o seu pet, em que se leia no dorso, em letras garrafais: “sou gambá, quer cheirar?”. Portanto, seja você alguém sociável ou antissocial, ter um gambá como animalzinho de estimação irá trazer-lhe vantagens comparativas importantes frente a outros pets.
- Tratando-se, no caso em questão, de um marsupial, você poderá usar a bolsa oculta no ventre do bicho para guardar valores e, mesmo, objetos úteis, como celular, batom, estojinho de maquiagem, etc. Desse modo, as pessoas poderão dispensar o uso de acessórios, tais como bolsas e carteiras. Nenhum malfeitor irá se atrever a chegar perto, muito menos apalpar a barriga de um gambá, com medo de levar, em cheio, um jato de urina cujos efeitos poderiam – na fantasia popular – variar do entranhamento no corpo, ao longo de dias, de um odor pavorosamente fétido, até problemas mais graves, como cegueira, escamações ou ulcerações na pele.
- Nos restaurantes, você terá a vantagem de poder deixar o seu gambazinho de estimação pendurado pelo rabo no espaldar da cadeira, de cabeça para baixo, aguardando em repouso. Ou então, se a limpeza não for o forte do local, o seu pet poderá encarregar-se de melhorá-la, caçando baratas, aranhas e camundongos, enquanto você finaliza sua refeição tranquilamente. De bônus, você ainda poderá negociar um desconto com o restaurante na hora de pagar a conta, em troca do serviço de eliminação de pragas executado.
- Outra vantagem adicional: qualquer eventual mau cheiro no recinto poderá ser atribuído sem problemas ao gambá, o que configura recurso de importância nada desprezível no convívio social. Com um gambazinho a seu lado, você irá sentir-se livre para consumir a quantidade que desejar de repolho, feijão e batata-doce, sabendo que poderá eliminar os seus biogases de forma despreocupada, já que o culpado será sempre ele.
- Ficaré fácil obter prioridade nas filas de atendimento, inclusive nas filas específicas de atendimento prioritário. As pessoas julgarão preferível abrir mão da precedência e desfazer-se, o mais rápido possível, da incômoda presença do animal, a ter de suportá-la pelos tensos minutos do tempo de espera.
- Inimigos naturais das serpentes, os gambás de estimação reagirão com visível desconfiança diante de pessoas que se fazem passar por amigas, mas que, pelas costas, agem como víboras. Com isso, descartar as falsas amizades será para você mais fácil do que desfazer-se de seguidores indesejáveis nas redes sociais.



Talvez ainda se passem vários anos até que o progressivo convívio com os gambás nos ensine a reconhecer suas incríveis qualidades, livrando-nos do terrível preconceito propagado em base ao desconhecimento e a credices equivocadas. Não importa, porém, o tempo que leve, o importante é que se firme essa nova relação de afeto entre homem e espécie animal ameaçada. Afinal, convenhamos: recuperar a imagem do gambazinho, tornando-o nosso aliado próximo, somente irá contribuir para que se chegue a uma sociedade que sofra menos com pragas, sejam elas oriundas do ambiente natural ou social.



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

# NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



ADEMIR PASCALE

## Journal em o Camilo da Maré

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA  
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI**

MAFRA EDITIONS  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Por Maria Neta

# Liberdade



Ah, a liberdade!  
O que é isso?  
Nos dias e horas  
De todos os dias?



Para cada um,  
Um anseio diferente  
Sob o aparente;  
Além do conveniente!

Liberdade de pensamento,  
De ideias, de sentimentos.  
Liberdade dentro de si mesmo?

Se o meu interior-Quem eu sou,  
Vem de raízes, troncos e galhos,  
Nos espaços por onde se estendem?

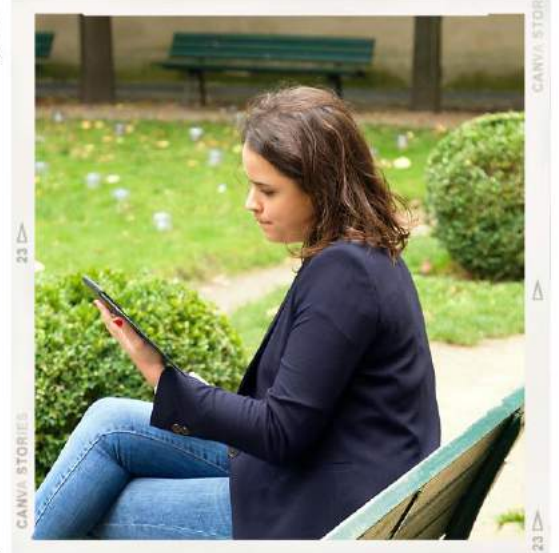
Liberdade é só agora,  
Quando escrevo uns versos!  
Será mesmo!?  
Ah, a liberdade...

Maria Neta é professora aposentada e autora do romance *Conchas em rubi*, publicado pelo selo Página Nova, já participou de antologias de microcontos e contos, a última com o título *Contos do nosso interior* – antologia de escritores do interior de São Paulo, promovida pelo Projeto Culturando. Nesta revista participou das antologias PETS (poemas e contos) e *Tecendo Poemas II*. Atualmente, a autora trabalha em novo romance e integra os grupos de autores Clube de Criação Literária e Literatura Mínima.

# Revista Conexão Literatura



EUA

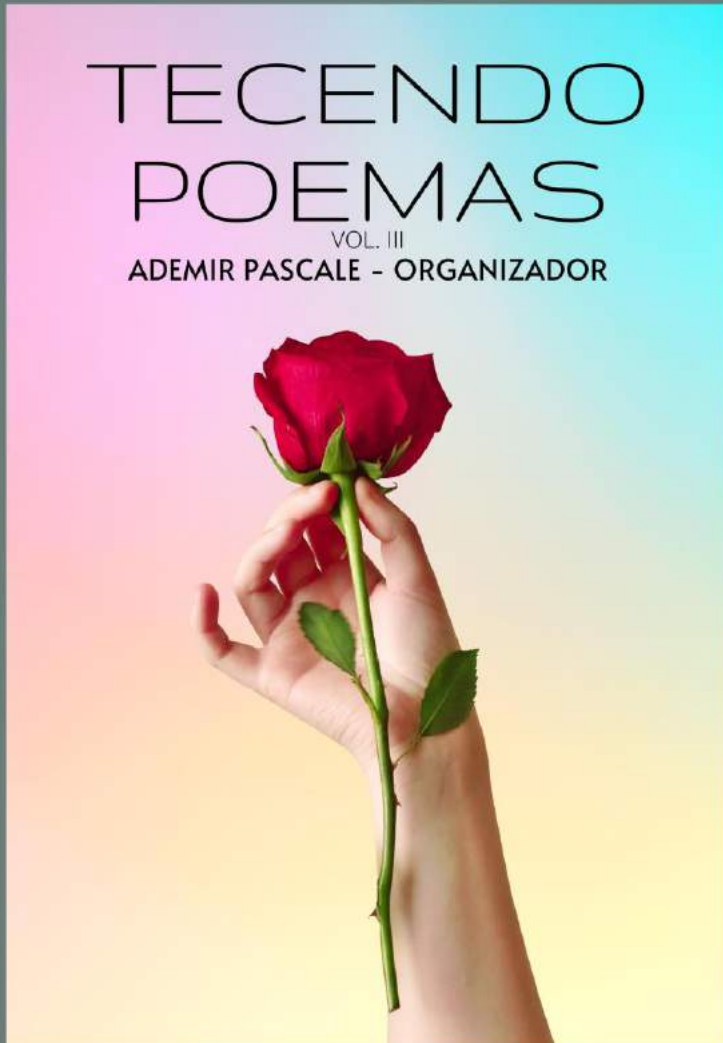


Portugal



A nossa revista  
viaja num   
segundo até você

TECENDO POEMAS - VOL. III, REÚNE  
POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES  
AUTORES NACIONAIS, COM  
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.  
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA:  
[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
E NO SITE DIVULGA LIVROS:  
[WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



O UIVO DO LOBO, COM  
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E  
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM  
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ  
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA:  
[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
E NO SITE DIVULGA LIVROS:  
[WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).





**UMA EXPERIÊNCIA  
POÉTICA, CULTURAL  
E TURÍSTICA EM  
GOIÁS, CIDADE DA  
POETA CORA CORALINA**

*Por Gercimar Martins*

**E**ste relato visa compartilhar uma experiência poética, cultural e turística na cidade de Goiás, entre os dias 9 e 11 de janeiro de 2023, que além da famosa casa de Cora Coralina, Poeta e Contista brasileira, a cidade tem um rico Centro Histórico com inúmeros monumentos para visitação.

- **Centro Histórico de Goiás**

O conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do centro histórico de Goiás foi tombado pelo Iphan em 1978 e o reconhecimento como Patrimônio Mundial pela UNESCO veio em 16 de dezembro de 2001. A cidade de Goiás é testemunha da ocupação e da colonização do Brasil Central nos séculos XVIII e XIX. Goiás é um bom exemplo de uma cidade mineradora que permaneceu intacto, incluindo seu meio ambiente natural. O centro histórico de Goiás mantém, até hoje, o caráter primitivo de sua trama urbana. (Portal IPHAN).



Vista parcial do Centro Histórico de Goiás

A cidade mantém monumentos históricos abertos ao público para visitação constante, durante a expedição foi possível entrar em praticamente todos eles, a saber: Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1734, tendo sido demolida e reconstruída em 1930); Igreja Matriz de Sant'Ana (construção iniciada em 1743); Coreto (constituído na década de 1920); Palácio Conde dos Arcos (terreno comprado em 1751); Gabinete Literário Goiano (1864); Cine Teatro São Joaquim (primeira construção em 1857); Cruz do Anhanguera (original de 1722); Chafariz de Cauda da Boa Morte (1778); Casa da poetisa Leodegária de Jesus (início do século XX); Igreja de São Francisco de Paula (1761); Museu de Arte Sacra da Boa Morte (1762); Museu das Bandeiras/Casa de Câmara e Cadeia (1761); Fórum (instalado em 1874); Prefeitura Municipal de Goyaz e Mercado Municipal e; Casa e atual Museu de Cora Coralina (construída por volta de 1770).



Casa/Museu de Cora Coralina



Museu de Cora Coralina no fim da rua a direita



Entrada da Casa/Museu de Cora Coralina

Todos os monumentos do Centro Histórico da cidade de Goiás mantêm suas características de época, mesmo com restaurações para sua conservação, a fidedignidade busca ser mantida, para não perder a sua real essência.



- **Quem foi Cora Coralina?**

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), mais conhecida pelo pseudônimo Cora Coralina, nasceu em 20 de agosto de 1889 na cidade de Goiás (antiga Vila Boa, às margens do Rio Vermelho), no Estado de Goiás, e faleceu em 10 de abril de 1985 em Goiânia aos 95 anos, capital do mesmo estado.



Era filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador nomeado por D. Pedro II e de dona Jacyntha Luiza do Couto Brandão.

Apesar de ter publicado o seu primeiro livro "O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais" apenas aos 75 anos de idade (em junho de 1965) e se tornado uma das vozes femininas de grande prestígio na literatura nacional, Cora Coralina começou a escrever poemas e contos aos seus 14 anos.

Num tempo em que a voz feminina ainda era subjugada, Cora Coralina, uma mulher à frente de seu tempo e suas amigas Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana, criam em 1907 o Jornal Semanário "A Rosa".

Tomou posse na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás no ano de 1970, ocupando a cadeira nº 5. Em 1976, a poeta lança seu segundo livro, "Meu Livro de Cordel", despertando o público após elogios do poeta Carlos Drummond de Andrade, em 1980.

Outros importantes marcos na carreira da poeta foi em receber o "Prêmio Juca Pato" da União Brasileira dos Escritores, como intelectual do ano de 1983, com o livro "Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha" e a nomeação para ocupar a cadeira nº 38 da Academia Goiânia de Letras em 1984.

No ano de 2002, por possuir uma paisagem urbana predominantemente marcada pela arquitetura dos séculos 18 e 19, a cidade de Goiás recebeu o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, dado pela Unesco e a casa onde morou a poetisa Cora Coralina tornou-se até hoje o museu da escritora, aberto ao público para visitação e reviver a sua história.



### • A Experiência

Para um Poeta, apreciador da escrita de Cora Coralina, foi uma experiência gratificante e inspiradora para continuar os escritos poéticos, que de certa forma, inspiram outros leitores.

Por detenção de direitos autorais dos objetos e da casa de Cora pela família, era proibido o registro fotográfico dentro da edificação, mas o local é bem guiado e com explicações enriquecedoras de cada detalhe que a casa possui, inclusive, com objetos originais da Poeta e Contista.

Com a realização desta primeira expedição para contemplar pontos históricos de grandes escritores brasileiros, sem dúvidas despertou ainda mais o desejo para conhecer vários outros que tanto enriqueceram a nossa

literatura brasileira.

Este breve relato vislumbra o despertar para novas visitas, pesquisas e ricas experiências no Centro Histórico de Goiás, não só para historiadores, escritores, poetas, mas para quem deseja conhecer um pouco das raízes da colonização de nosso País.



### **Sobre o Autor**

Gercimar Martins é Poeta, Escritor, Professor Universitário, Administrador, Pedagogo, Mestre em Educação, autor de 5 livros de poemas e amante da Literatura. Membro de nove Academias de Letras e, Membro Fundador da ACLEMOD - Associação Cultural, Literária e Educacional Mãos e Olhares Diferentes.

*Espaço de poesias:* [www.gercimarmartins.poeta.in](http://www.gercimarmartins.poeta.in)

*E-mail:* [gercimarmartins@gmail.com](mailto:gercimarmartins@gmail.com)

*Instagram:* @gercimar.poeta

x x x x  
x x x x  
x x x x  
x x x x

# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
300 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

**DIVULGUE O SEU  
LIVRO CONOSCO**



[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

- ENTRE EM CONTATO:
- E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)



## PLATONICES POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Habito minha caverna,  
com olhos no Infinito.  
A consciência é uma lanterna.  
O coração, labirinto.  
A ética, "coisa" interna,  
é o que há de mais bonito!  
Orienta a baderna...  
Traz a vida mais sentido!

Viver atíca, no peito,  
desejos de transcendência.  
Superar-se é um direito.  
Respirar é "resistência"!

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA - Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# UNIVERSO DA POESIA

E-BOOK



## UNIVERSO DA POESIA

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

VOL. III

saiba mais: [clique aqui](#)

# NOVO TEMPO CHEGOU

POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO

ESPERANÇA RODA, RODA CRIANÇA  
VEM BRINCAR COM O TIO E O AVÔ  
TODO MUNDO PODE ENTRAR NA DANÇA  
QUE É HORA, NOVO TEMPO CHEGOU

CANTA E GIRA, GIRA A CANTIGA  
VEM CHAMAR A TITIA E A VOVÓ  
QUE A FESTA É AMIGA ANTIGA  
QUE ALEGRA E CATIVA SEM DÓ

VEM E CONTA, CONTA UMA HISTÓRIA  
SEM LAMENTO, UMA BOA AVENTURA  
PRA FICAR VIVA EM NOSSA MEMÓRIA

VOA ALTO, NÃO IMPORTA A ALTURA  
VAI BEM FUNDO NESSA DEDICATÓRIA  
ANO NOVO DE MAIS LITERATURA



Nascido na cidade de Lins – SP, Henrique Cananosque Neto possui formação em Letras, Psicologia e Música. Atua como professor na Etec de Cafelândia e no CEEJA de Lins. Cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Participa como músico do Grupo Musical “Querigma” da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e da Banda Municipal “Benedito Marinho” de Lins. Participa de coletâneas literárias desde 2008.



**SAIBA COMO  
ADQUIRIR  
O LIVRO**

***"ALVORADA DO  
AVIVAMENTO"***

**CLIQUE AQUI:**

### *Sobre o autor:*

André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, Mora em Queimados, morou no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Publicou seu primeiro poema inédito em 2015, no livro Novos Poetas - poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Publicou os livros - Aspirações de um Discípulo e Exortações Inspiradas pela Drago Editorial em 2019/20, Adoração Poética pelo KDP da Amazon em 2021 e "Alvorada do Avivamento", o 4º livro pela editora Mandacaru em 2022.



Livro 3, (1 e 2):

link pagina de autor na amazon.

<https://www.amazon.com.br/kindle-dbs/entity/author?asin=B0B8TGQ61C>

Livro 4: Clube de Autores

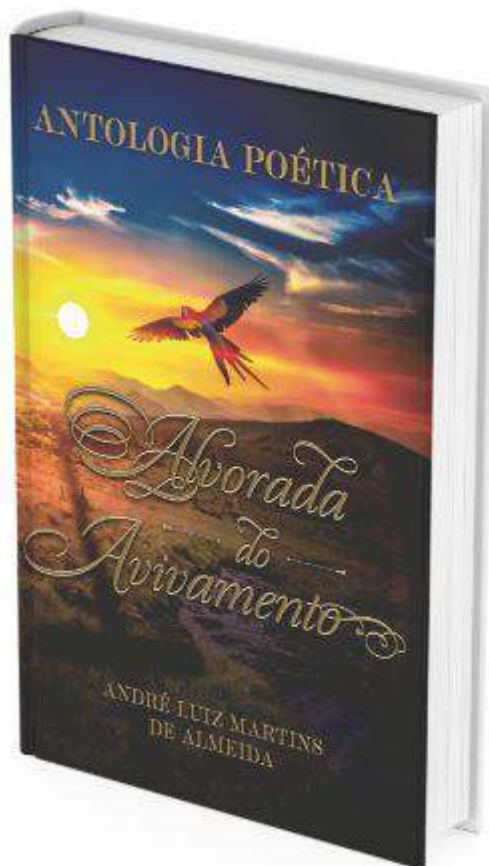
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/andre-luiz-martins-de-almeida>

Drago Editorial

Livro 1: <https://www.dragoeditorial.com/p/p-style-text-align-justify-span-style-font-size-16px-span-style-font-family-trebuchet-ms-helvetica-sans-serif-antologia-poetica-aspiracoes-de-um-discipulo-e-a-reuniao-de-tres-antologias-poeticas-que-foram-idealizadas-separadamente-e-foram-reunidas-em/>

Livro 2: <https://www.dragoeditorial.com/p/antologia-poetica-2-exortacoes-inspiradas-andre-l-m-de-almeida-14x21-120-paginas/>

Site pessoal : <https://artecris.000webhostapp.com/>





Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# ASSIM PERMANEÇO

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Com um singelo olhar, observo a alegria em você  
Correndo, saltitando pela areia na ponta dos pés, ambos bem  
esticados

Brilhante destaca-se o suor banhado pelo Sol causticante  
Eu, aqui sentado, pernas cruzadas, ponho-me a sonhar

Por “alguém” ser – pelo menos – observado a um incansável amar  
Que seja de qualquer forma! Que tal como amante?  
Tomado pelo coração respirando ofegante... batendo acelerado  
Ah! Que linda imagem de sonho para a cada olhar permanecer

Súbito o ciúme me atropela indignado ao ver  
Como pendurados em uma janela olhares dirigidos a você  
Bem percebo que se vangloria pela admiração  
Com o “interior” a sorrir por tamanha demonstração

Do quase último olhar... lágrimas correm  
Sem ter outro caminho pela face escorrem  
Para me socorrer escondo-me em um pedacinho do meu coração  
Mas nada me impede! De vontade permaneço com olhos abertos  
para não perder a oportunidade de tão bela sensação





## **BEM DEVAGAR**

**POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

Como não observar no seu rosto os lábios sedosos  
Suavemente pintados... tão maravilhosos  
Bem sei que de propósito para me aguçar  
Para deliciosamente os beijar

Conseguiu! A vontade, atizada pelo desejo, aflorou  
Do meu interior correu a felicidade e me abraçou  
Fingindo... eu como inocente  
Imaginei o que iria acontecer com a gente

Rápido me senti abatido pela impertinência  
Superando os raros obstáculos da inocência  
Vencido observei o aflorar  
De cada desejo - creia - como não a beijar  
E da vivida delícia apreciar bem devagar

# AH! EXPERIMENTE!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Encoste, suavemente, seus lábios aos meus

Sim! Bem devagarinho

Aos poucos, tomando-os para si, como se fossem seus

Ah! Deixe-os cada um aguçar com "aquele jeitinho"

A prova o coração dará! Rapidamente o bater dispara

Suspiros comungados ninguém os separa

Do ar um só "Universo" vivendo

O calor no corpo abraça ao surgir correndo

Os olhos não suportam. Do sonhar preferem estar fechados

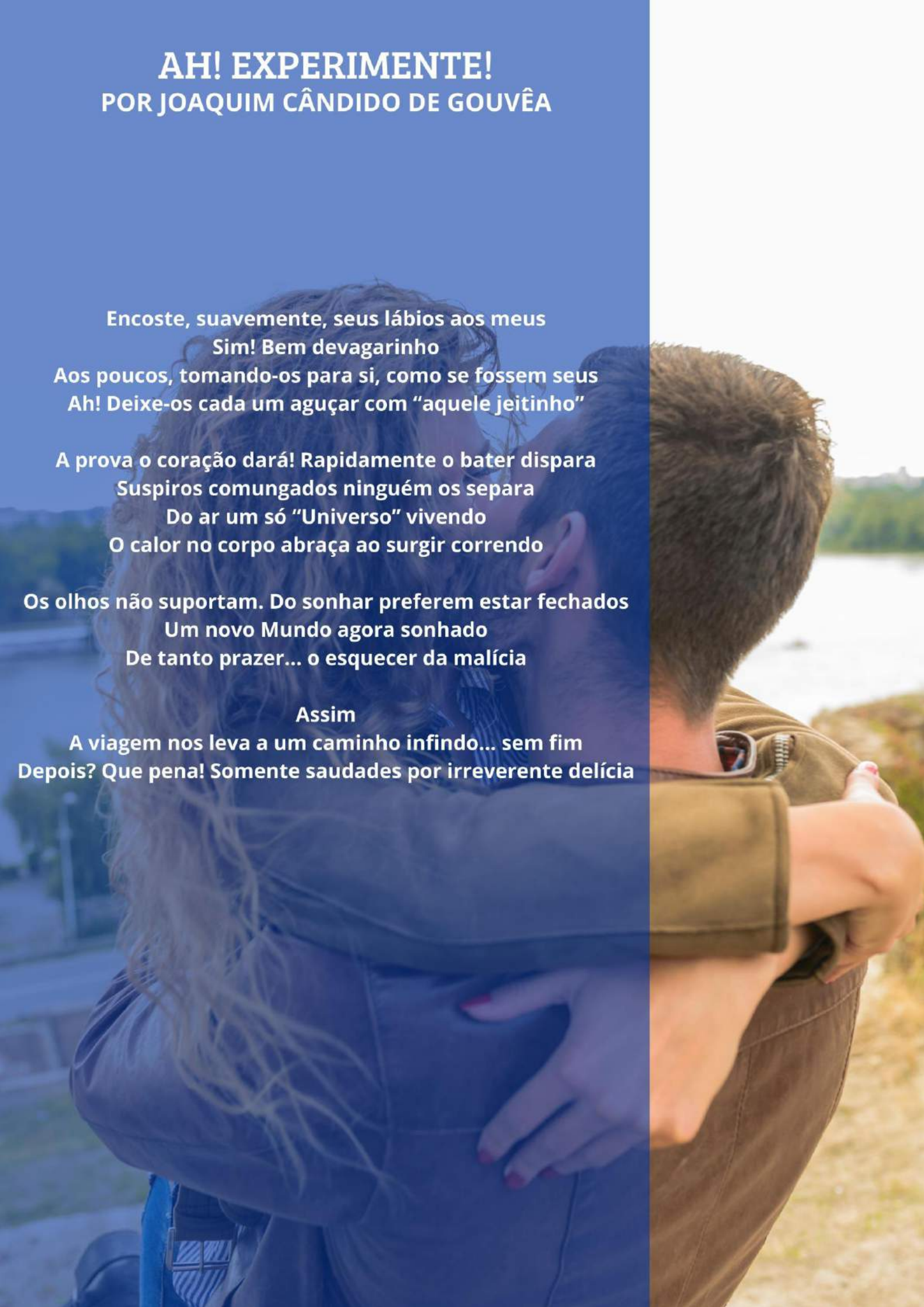
Um novo Mundo agora sonhado

De tanto prazer... o esquecer da malícia

Assim

A viagem nos leva a um caminho infindo... sem fim

Depois? Que pena! Somente saudades por irreverente delícia





**COM CERTEZA**  
**POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Que fique guardadinho no meu interior  
A rara surpresa do grande amor  
Para quando ele chegar  
Com ousadia esta loucura saber mostrar**

**O assanhamento  
Não só por um, mas por vários momentos  
Será dentro de mim bem guardado  
Consciente, de que na hora mostrar, o tanto que é amado**

**Com certeza  
Haverá pureza  
Mas não com tanta inocência  
Guardarei algo por prudência  
Logo a seguir como a "bela sobremesa"**

# DOS SORRISOS

## POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Entendi o seu olhar  
Para o "ponto" parti a te encontrar  
Sim! Claro! Ansiosa  
Por já conhecer a "tal" noite tão maravilhosa

Sorrisos brotaram após a observação  
Aquela que "maldosa" acelera o bater do coração  
Que sempre afirmo desejar embalsamar  
Tamanha euforia pelo tanto a te amar

Que pena! O amanhecer (este danado) tão rápido surgiu  
Após novos encontros marcados devagarinho partiu  
Ficou no "rasto" a esperança  
Que desse encontro não fique somente a lembrança

Joaquim Cândido de Gouvêa: Escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo poemas publicados no Brasil - REVISTA CONEXÃO LITERATURA - e no Exterior com destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Livros com Poemas tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. E outros dois, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE... Outros dois Livros, dois Romances, com a Editora ASTROLÁBIO, também do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, com o Título ARDENTE ENCONTRO e o último com o título SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro "VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participação da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional. Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupo a Cadeira de número 203. Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

NOVOS VÍDEOS NO CANAL <sup>+</sup>

▶ **CONEXÃO  
NERD**

INSCREVA-SE

**@CONEXAONERD**

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

<sup>+</sup>



# BELEZA DA ROSA

Por Wanda Rop

Envolve-se em tecidos finos de seda  
Não me prive dos sorrisos carinhosos  
Fito tua face corada e me encanto  
Lábios carmins, beleza da rosa

Chegamos à loucura do intenso amar  
Em desejos, dispensamos a sobriedade  
Lascivamente, neste quarto escuro  
Selamos com paixão a liberdade

Prove minhas carícias com emoção  
Na gentileza do meu toque apaixonado  
Nosso amor reflete boas intenções  
Amantes eternos, sempre lado a lado

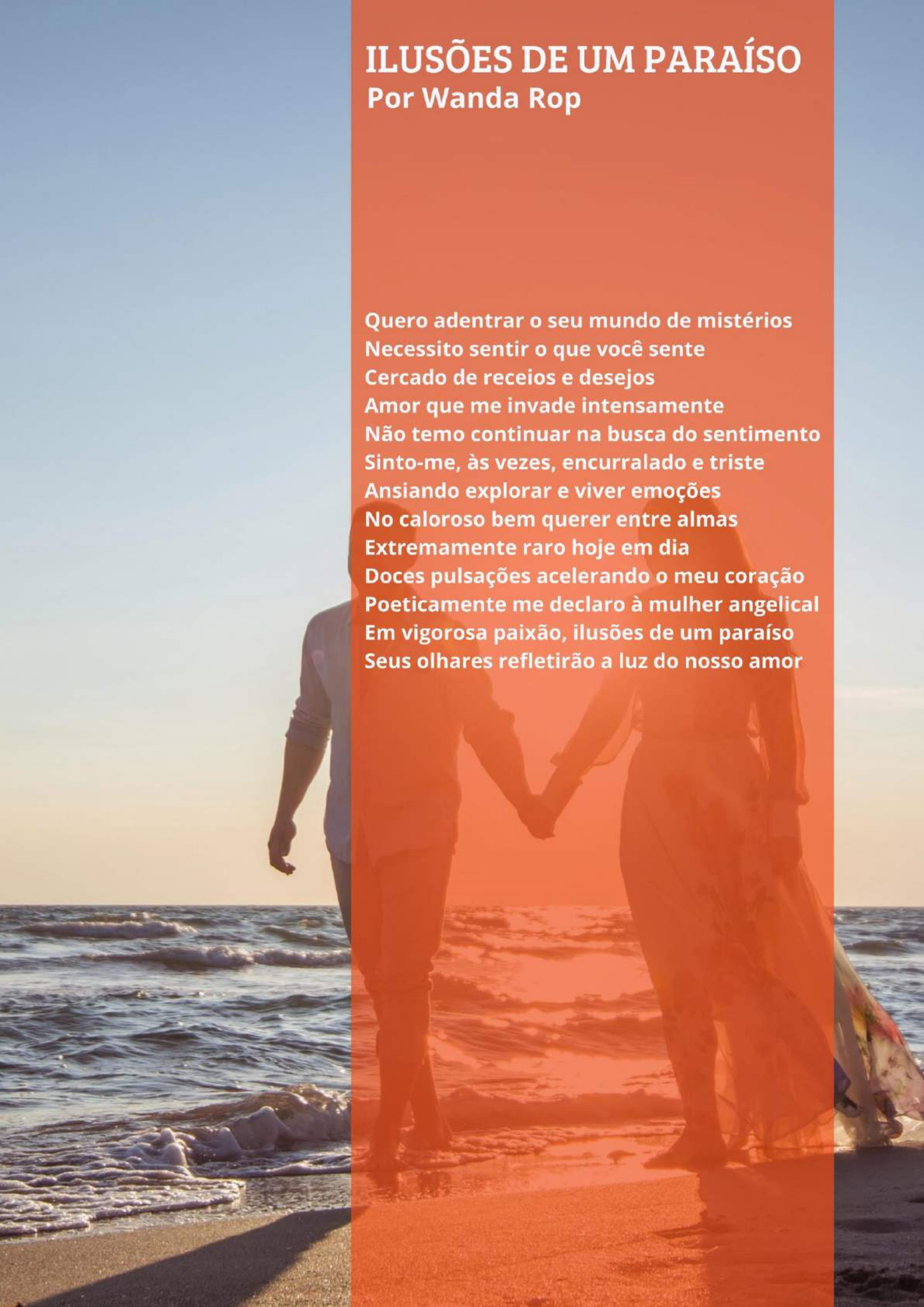




# ILUSÕES DE UM PARAÍSO

Por Wanda Rop

Quero adentrar o seu mundo de mistérios  
Necessito sentir o que você sente  
Cercado de receios e desejos  
Amor que me invade intensamente  
Não temo continuar na busca do sentimento  
Sinto-me, às vezes, encurralado e triste  
Ansiando explorar e viver emoções  
No caloroso bem querer entre almas  
Extremamente raro hoje em dia  
Doces pulsações acelerando o meu coração  
Poeticamente me declaro à mulher angelical  
Em vigorosa paixão, ilusões de um paraíso  
Seus olhares refletirão a luz do nosso amor



# GIRASSOL

Por Wanda Rop

A direção do Girassol indica sua presença  
Menina luz, brilha mais que o sol  
Minhas mãos estão trêmulas  
Ao tentar acariciar sua meiga face  
Toque que circula as emoções mais sinceras  
Meu coração a palpitar...  
Sou seu farol, seu querido namorado  
Sonho em ser seu poeta  
Revelando-me em versos de amor  
Com rimas belas a te encantar  
Despertando sorrisos e brilho no olhar  
Em palavras de carinho e delicadeza  
Breve trégua para a alma que sofre  
Firmo-me apreciando sua maciez de pétala  
Oh! Flor dourada e rutilante  
Minha poesia é você

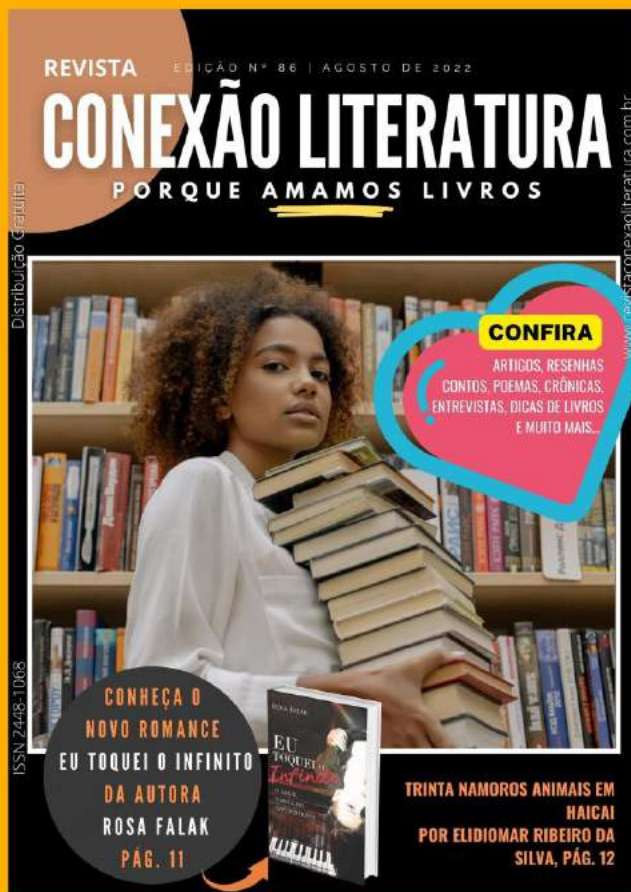
WANDA ROP, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, graduada em Filosofia e História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar", "Desejos do Coração", "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa" e "Minha Infância em Poesia."

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

# FOLIA NO CORAÇÃO

Por Sílvia Grijó

Já decretei e assinei,  
na minha escola de samba,  
és presidente único, és rei  
e com perfeita maestria, comanda  
todas as ALAS nela existentes,  
por isso, fiz para você um samba enredo,  
só para te amar em segredo,  
porém, o tum-tum-tum do meu coração denuncia,  
trazendo à tona toda a minha euforia,  
e nessa euforia, viro passista do teu samba,  
- chega mais, deixe a tristeza na contramão,  
fora do mapa de bateria,  
esqueça todas as inquietudes, deixe tudo pra lá,  
na nossa avenida, só cabe a alegria  
que trazes, no molejo do teu desfilarm...  
Só você aquece os tambores,  
em andamento, a bateria cadencia-se  
no pulsar das batidas do meu coração,  
e no ponto alto do teu gingado,  
abrem-se todas as minhas alas, para a tua majestosa entrada,  
e nessa evolução, teus rodopios acalorados assanham-me  
o gostoso saracoteio do samba, entrego-me,  
esquecendo a equalização do som, só ouço o teu respirar,  
e no acelerar do Metrônomo,  
deixo cair por terra toda a minha fantasia...  
Porque tu és o meu CARNAVAL  
enfeitado de confete e serpentinas  
envolve-me em desejo e magia...  
E no apagão da bateria  
canto o teu samba e te convido:  
- entra, faz folia no meu coração,  
no meu coração faz folia,  
FAZ FOLIA NO MEU CORAÇÃO...



# BÚSSOLA


Por Sílvia Grijó

Me perdi em sonhos,  
no flamar da imaginação,  
busco encontrar-me,  
sem destino,  
minha'lma vaga  
a procura de um caminho,  
Através dos olhos teus  
quero me ver,  
quero me achar,  
quero viver,  
quero me amar...  
Me perdi em sonhos, sonhos que me enlouquecem,  
que me deixam cega,  
tuas mãos,  
minhas guias,  
teu corpo  
- minha cartografia tátil,  
teu cheiro,  
minha bengala branca,  
tua voz,  
minha bússola Point Finder,  
tua boca,  
Ah, tua boca  
minha divina comédia...



**SÍLVIA GRIJÓ** – Ama a vida- natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se uma Aprendiz de Poeta, escritora em construção. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE - Edit. Palavra da Terra. É coautora em 04 E-books, 07 cordéis, 42 Antologias - local, nacional e internacional. Publicou na Revista física "CIRROSE", é membro efetiva da Academia ACILBRAS, é membro fundadora das Academias ALCAMA e ALACA; é sócia titular das Associações - ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo "Formas Em Poemas", atua nos Projetos "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural", e "Espalhando Poesia". Pela relevância do seu trabalho literário, foi condecorada com os prêmios "Arara Cultural em 07/22 e com o"22º Prêmio Cidade de Manaus, 10/22". Graduada em Ciências Biológicas, Prof. Especialista, Fotógrafa; ativista da literatura amazonense feminina. Sílvia Grijó acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.





Quem  
lê dá asas  
para a  
imaginação!

@revistaconexaoliteratura





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# UNIVERSO - FICÇÃO CIENTÍFICA

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

# NOVO DIA

Por Antonio Di Bianco

É um novo dia,  
encontre a força para viver,  
Redescubra o desejo de amar.  
Ouça sua música favorita,  
e respire, respire como se fosse a primeira  
vez...  
se você está triste dance,  
se você perder alguma coisa, encontre,  
cante para o sol;  
coma seu prato favorito,  
corra com suas pernas como se tivesse  
acabado de aprender a andar,  
Obtenha uma maneira de deixar o mundo  
saber que você está aqui!  
E use sua energia para se lembrar de que a  
vida é maravilhosa!



Antonio Di Bianco é italiano e psicólogo, fala quatro idiomas e escreve desde os 16 anos. Começou a escrever em 2011 e nunca mais parou, escreveu poemas, artigos jornalísticos, letras de músicas e ocasionalmente histórias. No entanto, ele também conseguiu publicar na Venezuela, Itália, Colômbia, México, Argentina, Chile, Peru, EUA, Malta, Brasil, República de San Marino, Romênia e Espanha. Escreve em: italiano, espanhol, português, inglês e romeno.

# ENTREVISTA COM ANNA OSTA

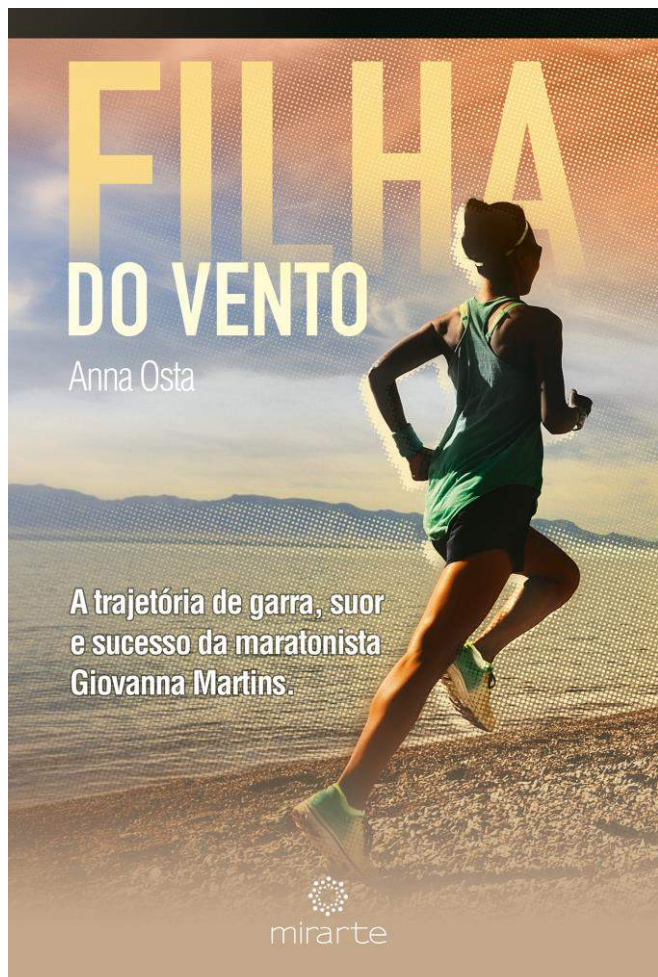


**Anna Osta**

ANNA OSTA é jornalista e escritora. Tem cinco livros publicados e participação em 14 coletâneas. Nasceu em Salto/SP, onde viveu até os 23 anos, quando conheceu seu marido e mudou-se para o Rio de Janeiro. Dois anos depois, passaram a residir em Miami, nos EUA. A partir daí, foram muitas mudanças de casa e de país, chegando a contabilizar a assombrosa soma de 18 endereços em 12 anos! Sim, teve ano em que se mudaram duas e até três vezes, como aconteceu em 1992, quando viveram a experiência do furacão Andrew. Foi nesse momento, após ter sua casa destruída pelo furacão, que escreveu seu primeiro livro.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**



**Anna Osta:** Escrever livros era um sonho de infância, que eu acalentava em silêncio até que, em agosto de 1992, minha vida foi literalmente devastada pelo furacão Andrew, que assolou Miami, onde eu então residia. Ao reconstruir minha rotina, abri espaço para dedicar-me a esse sonho e escrevi meu primeiro romance, intitulado Betsy e publicado pela editora Códex em 2002. Em minha obra de estreia tive a honra de contar com prefácio de Rachel de Queiroz.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Filha do vento" (Editora Mirarte). Poderia comentar?**

**Anna Osta:** Fui convidada a escrever a biografia "Filha do vento". Ela retrata a carreira da maratonista brasileira que venceu cinco vezes a Disney Marathon Weekend, uma das mais importantes corridas dos Estados Unidos, e atualmente mantém uma atividade social voltada a

crianças carentes. Aceitei o desafio por considerar a história inspiradora.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Anna Osta:** O meu processo de criação começa com a estruturação mental, do ponto de partida e do ponto de chegada. Quando estou estruturando essas duas bases de sustentação do enredo, já imagino o ambiente e a atmosfera onde a trama será desenvolvida. Definido isso mentalmente, inicio a escrita e vou traçando a trajetória conforme escrevo, sem perder de vista onde quero chegar. As inspirações provêm do meu momento de vida e surgem de fatos e situações corriqueiras do dia a dia.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Anna Osta:** O trecho que destaco ilustra bem quanto de superação foi necessário até que a biografada chegasse a pentacampeão da maratona da Disney:

“Por ocasião da última edição dos Jogos Escolares, dos quais participei em 1997, a minha tia Solange, irmã da minha mãe, estava morando em casa e eu pegava escondido os tênis dela para treinar. Imediatamente após o treino, devolvia o par de tênis para o mesmo lugar de onde tinha tirado, para que quando minha tia chegasse do trabalho não percebesse que eu tinha usado o calçado dela. Só tem um pequeno detalhe: minha tia calça nº 34 e eu, já naquela época, com 14 anos, calçava 38/39. Mas eu conseguia enfiar o pé naquele calçado assim mesmo! Acho que minha vontade de treinar com tênis era tanta, que eu contraía os dedos até meu pé se encaixar naquele calçado. Porém, claro, não era nada confortável. Ainda assim, levei o tênis da tia Solange “emprestado” para competir nos Jogos daquele ano.

Quando começou a competição, fui sentindo uma pressão tão forte nos dedos que mal conseguia pôr os pés no chão. Provavelmente, o tempo que levou até o momento da minha prova foi longo demais para eu suportar aquele martírio. Nos treinos, parecia-me mais fácil: eu calçava os tênis na beira da pista e já ia treinar. Por isso, naquele dia, no calor da prova, tive que tomar uma decisão. Arranquei os tênis e fui para a pista descalça...”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Anna Osta:** O livro “Filha do vento” encontra-se à venda em diversos marketplaces do Brasil: Amazon, UmLivro e Submarino, entre outros. O links de acesso estão disponíveis em meu site profissional: [www.annaosta.com.br](http://www.annaosta.com.br). Além de escrever, aprecio o diálogo e a troca de ideias com leitores e amantes das letras, por isso mantenho um blog em meu site e perfis nas redes sociais Facebook e Instagram - @annaostaescritora. Por meio desses canais, proponho reflexões e compartilho informações sobre meus trabalhos e notícias do meio editorial.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Anna Osta:** Anotem suas inspirações, leiam muito e exercitem a escrita. Escrever é mais do que um simples ato de inspiração. Exige raciocínio, revisão e, sobretudo, desapego. Muitas vezes temos de cortar ideias e frases bem elaboradas em nome da harmonia do texto.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Anna Osta:** Sim, sempre. Nesse momento, escrevo um romance que traz memórias de um casamento.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** Anna Karênina (Leon Tolstói)

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Lendas da Paixão

Um hobby: Clube do Livro

Um dia especial: Quando me tornei mãe

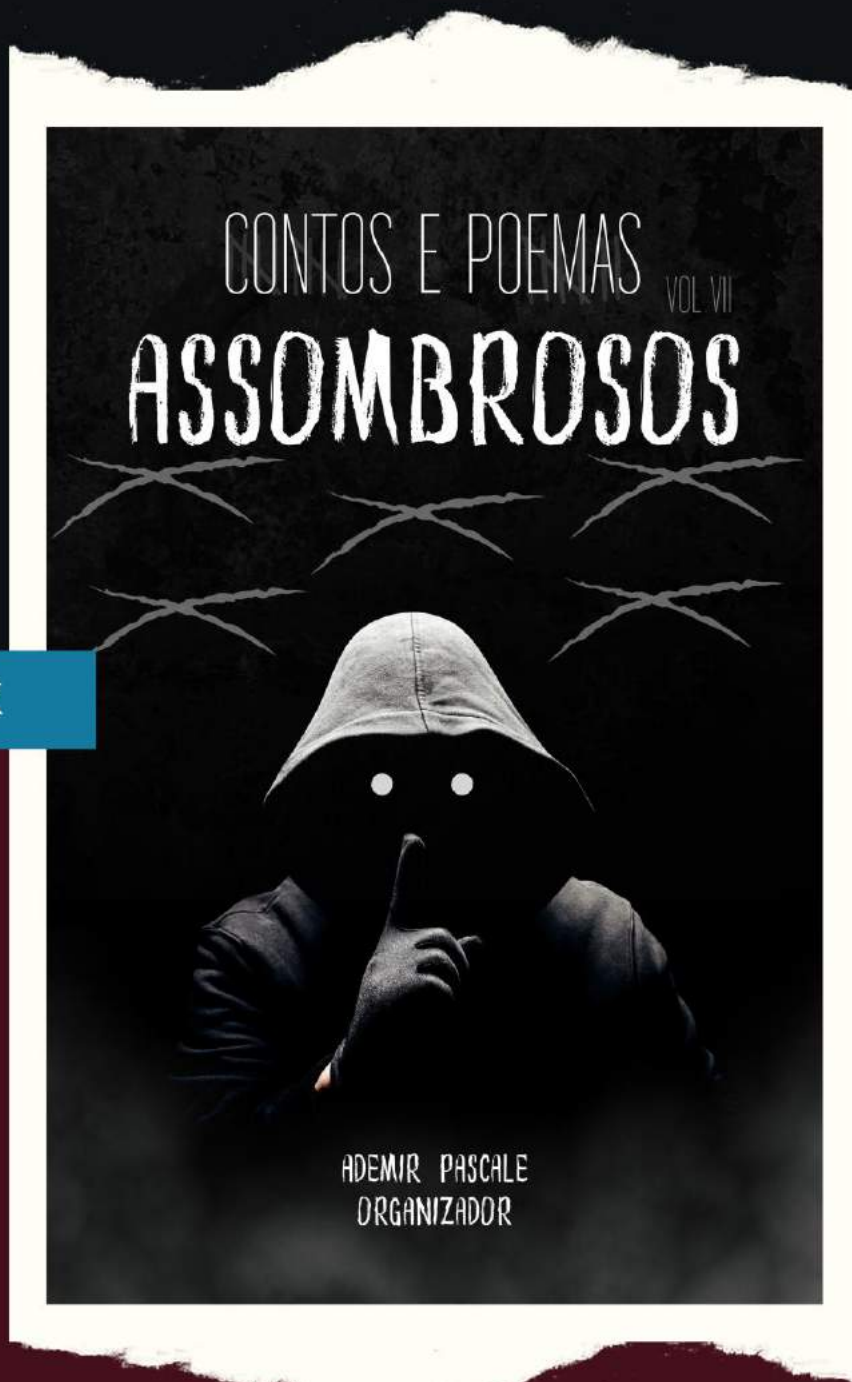
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Anna Osta:** Gostaria de contar, em primeira mão, que estamos preparando o lançamento da edição econômica do livro “Filha do vento”, em papel off-set, o que o torna mais acessível, além do e-book com vendas on-line pela Amazon.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

# ENTREVISTA

## COM EDVALDO SILVA



**Edvaldo Silva**

Edvaldo Silva é mestre em Artes e Multimeios pela UNICAMP e pós-graduado em Publicidade pela ECA/USP. Com uma carreira de sucesso em empresas como FOX Latin American Channels (Canais Disney), o Portal Terra (Grupo Telefônica), e a gigante latino-americana dos aplicativos para celular Mobile (Naspers Group), ele foi Presidente do Comitê de Ad Tech & Data do Interactive Advertising Bureau. É autor do livro Da Válvula ao "Pixel – A Revolução do Streaming", lançado com sucesso no Brasil e em Portugal, pela Editora Atlântico, e agora faz sua estreia no universo da literatura com este romance histórico de tirar o fôlego, chamado "Além da Fumaça", pela Editora Labrador.

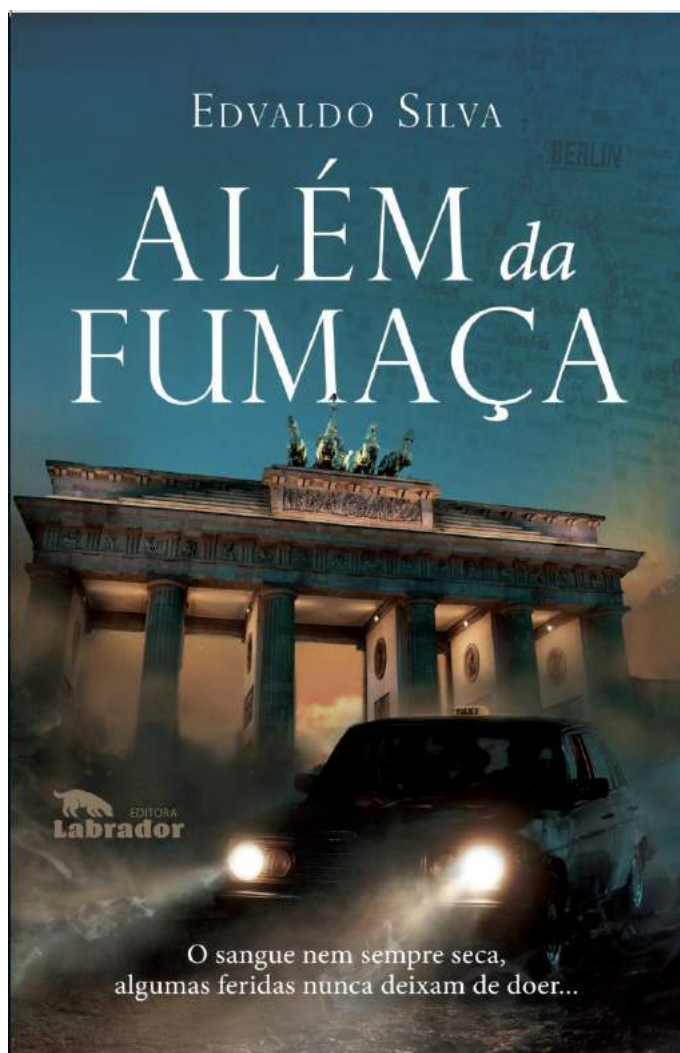


**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Edvaldo Silva:** Eu lancei meu primeiro livro em janeiro de 2022, pela Editora Atlântico, chamado “Da Válvula Ao Pixel – A Revolução do Streaming”. Foi também o primeiro livro nacional a falar sobre este tema e teve sua primeira edição esgotada aqui no Brasil e em Portugal. Além disso foi adotado por universidades importantes como a Belas Artes e pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. Ele já está sendo citado em importantes obras como o livro “Brand Publishing e Transição Midiática” do escritor Paulo Henrique Ferreira que está sendo lançado no Brasil agora em 2023, pela Editora Rebecca & Co.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Além da Fumaça". Poderia comentar?**



**Edvaldo Silva:** Eu sempre fui muito fã da literatura de suspense e policial, que te prendem do começo ao fim, mas com uma pegada mais poética, histórica e até filosófica como nos livros do espanhol Manuel Esteves Montalbán, autor de Os Mares do Sul, do holandês Jeanwillem Van de Wetering, que escreveu a Bruxa de Amsterdã ou mesmo o americano Dennis Lehane de Sobre Meninos e Lobos ou Um drinque antes da Guerra. E, claro, clássicos como Pergunte ao Pó do John Fante ou Atire no Pianista do David Goods.

E uma coisa que eu percebi é que aqui no Brasil temos ótimos escritores, já clássicos, nessa vertente de suspense e mistério, como o fantástico Marcos Rey, a carioca Stella Car, a Lucia Machado de Almeida autora do inesquecível O Escaravelho do Diabo, a Maria Alice Barroso que criou o primeiro detetive rural, o Luiz Lopes Coelho, considerado pela crítica o primeiro autor a criar uma literatura policial verdadeiramente

nacional, incorporando aspectos como a atmosfera de São Paulo em suas histórias., João Carlos Marinho com sua série Gênios do Crime e os mais recentes e também imperdíveis Rubem Fonseca e Luiz Alfredo Garcia-Roza, mas nós não temos uma produção tão

vibrante nessa área como os europeus, americanos, japoneses ou até mesmo latino americanos.

Decidi então dar minha contribuição para o romance de suspense e policial nacional com uma história de tirar o fôlego, cheia de ação, reviravoltas e que se passa no período sombrio do fim da guerra fria. Construí uma investigação engenhosa que ultrapassa fronteiras e chega no Brasil. Num ritmo eletrizante, “Além da Fumaça” traz à tona os sofrimentos remanescentes da Segunda Guerra Mundial numa sociedade prestes a derrubar o último muro que dividia o mundo.

### **Conexão Literatura: Fale um pouco sobre o livro**

**Edvaldo Silva:** O ano era 1987, a cidade de Berlim, capital da Alemanha, era dividida por um muro que impedia qualquer pessoa de atravessar para o outro lado e os escombros da Segunda Guerra Mundial ainda podiam ser vistos pelas ruas. Neste cenário, Bruno Fischer era apenas um músico fracassado e divorciado, que trabalhava como taxista apenas para pagar as contas, mas jamais por prazer.

Ele sabia que, ao levar Ingrid Bergunson Tavares, uma passageira brasileira do lado Ocidental para o Oriental, corria riscos, mas não esperava que aquela viagem o levaria para o outro lado do Atlântico. É no Brasil que o leitor desvenda o mistério Além da Fumaça, a exemplo do comércio ilegal de obras de arte roubadas dos judeus por tropas nazistas.

A partir do contexto histórico mundial sobre o período da Guerra Fria e o surgimento de grupos neonazistas, eu incluí à trama uma tela do pintor barroco Peter Paul Rubens. É a busca pela obra que culmina no sumiço da brasileira, responsável pelo roubo, e faz o alemão Bruno Fischer abandonar o próprio país para ajudar Amanda Bergunson a encontrar a mãe.

A pintura causadora de tantas reviravoltas pertencia, originalmente, a coleção de uma família de origem judaica, na Hungria. Durante a Segunda Guerra Mundial, um soldado nazista confiscou todos os quadros e, posteriormente, adquiriu por meios ilícitos uma das pinturas. Agora, Sebastian Gunter, o filho do ex-soldado, estava disposto a mover o mundo para recuperar a tela. Mas será que ele é o real responsável pelo desaparecimento da mulher?

Pistas sobre o caso são entregues em doses homeopáticas e assim, vamos aguçando desejo do leitor em saber o rumo da história, com plot twists a cada capítulo. Com uma narrativa engenhosa de suspense e mistério, Além da Fumaça, mostra que nem tudo é como parece e que existem muitas camadas não exploradas, tanto na vida como na arte.

### **Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Edvaldo Silva:** Este romance policial, que se passa pouco antes da queda do muro de Berlim, veio de maneira bem natural e foi criando forma até chegar no ponto final e ir para o prelo. Eu realmente adorei o resultado e tenho certeza que os leitores também vão gostar muito. Para o escrever o romance policial eu escolhi a Berlim do fim dos anos 80. Tive que fazer uma pesquisa intensa e bem detalhada para poder ambientar bem a história, nomes, personalidades, referências da época. Pesquisei nomes de ruas, políticos importantes da época, a música que estava tocando, tudo para deixar um ambiente perfeito para o desenrolar da trama.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Edvaldo Silva:**

"Os sintetizadores da new wave, aliados ao novo movimento punk, davam os contornos de uma era que surgia, ao mesmo tempo em que parecia ser o réquiem de outra. Do outro lado da muralha, a cortina de ferro começava a se esvaecer, e na juventude havia um clamor quase palpável pela reunificação, a alegria e o desbunde."

.....

"Quando chegaram ao apartamento, Bruno viu que a casa estava chorando. Lá fora chovia, e a janela ligeiramente aberta do quarto deixara o chão todo molhado. Como se a noite fosse solidária com a casa que se derramava em prantos. Talvez reclamando uma saudade tardia de Helga, a ex-esposa de Bruno, que já não preenchia todos os seus espaços vazios. Depois de fechar as janelas e enxugar as lágrimas da casa rapidamente, ele se voltou para aquela estranha e atraente mulher dos trópicos e lhe deu um longo beijo."

.....

"Sua família foi então separada, a irmã mais velha morreu ainda na travessia, dentro de um vagão de carga; do irmão mais novo passou décadas sem ter notícia, até descobrir que havia morrido em um campo na França, pouco antes do fim da guerra. A mãe e o pai foram mortos em Treblinka, depois de terem passado por vários outros campos de trabalho escravo.

Ele sobreviveu até ser resgatado por tropas americanas em Dachau, no fim da guerra, e depois de viver alguns anos em Israel emigrou com a família para o Brasil, fugindo da Guerra dos Seis Dias, no ano de 1967. Solomon chorava, e Clóvis amparava a cabeça do pai na própria perna.

— Está acabado, pai. Vingamos nossa família.

— Ah, meu filho — gemeu o velho —, o sangue nem sempre seca, e algumas feridas abertas nunca deixam de doer."

**Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Edvaldo Silva:** O leitor pode encomendar seu livro nas melhores livrarias de sua cidade ou comprar nas livrarias online como a Amazon neste link aqui: <https://www.amazon.com.br/A1%C3%A9m-fuma%C3.../dp/6556252956>

## Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

**Edvaldo Silva:** Sim! Gostei tanto de escrever este romance policial histórico que já estou trabalhando no próximo. Desta vez iremos para Paris em maio de 1968. Uma brasileira, filha única de um diplomata brasileiro, foi com o pai logo cedo para Londres, onde cresceu e estudou piano clássico durante sua infância e adolescência. Na juventude na metade dos anos 60, ela se muda de Londres para Paris onde arruma um emprego de pianista em um piano bar de um hotel chique da cidade. Ela conhece e se apaixona por um jovem francês rebelde estudante de filosofia, da Universidade de Nanterre e se envolve com o movimento de maio de 68. Ela participa dos protestos e da efervescência social e cultural que se iniciou a partir dos movimentos estudantis e vê sua vida mudar completamente. Vamos ter no meio disso tudo ecos da ditadura brasileira e da Guerra Fria. Tenho certeza de que os leitores vão adorar este novo lançamento também.

### Perguntas rápidas:

Um livro: Grande Sertão, Veredas

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Raul Cortez.

Um filme: O Pagador de Promessas

Um dia especial: o nascimento da minha filha Camila.

## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Edvaldo Silva:** É uma honra poder falar para a Revista Conexão Literatura e com seus leitores. Desde já agradeço imensamente este espaço. Temos que, cada vez mais, prestigiar os autores e criadores brasileiros de todas as vertentes, credos e cores. Por mais literatura nacional em destaque! Como diria Fernando Pessoa: minha pátria é minha língua.



Leia acompanhado de  
uma boa xícara com  
café.

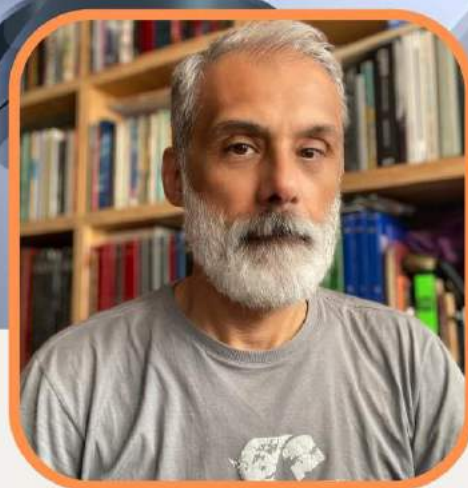


@revistaconexaoliteratura



# ENTREVISTA

COM DODS MARTINELLI E  
EDILSON RODRIGUES



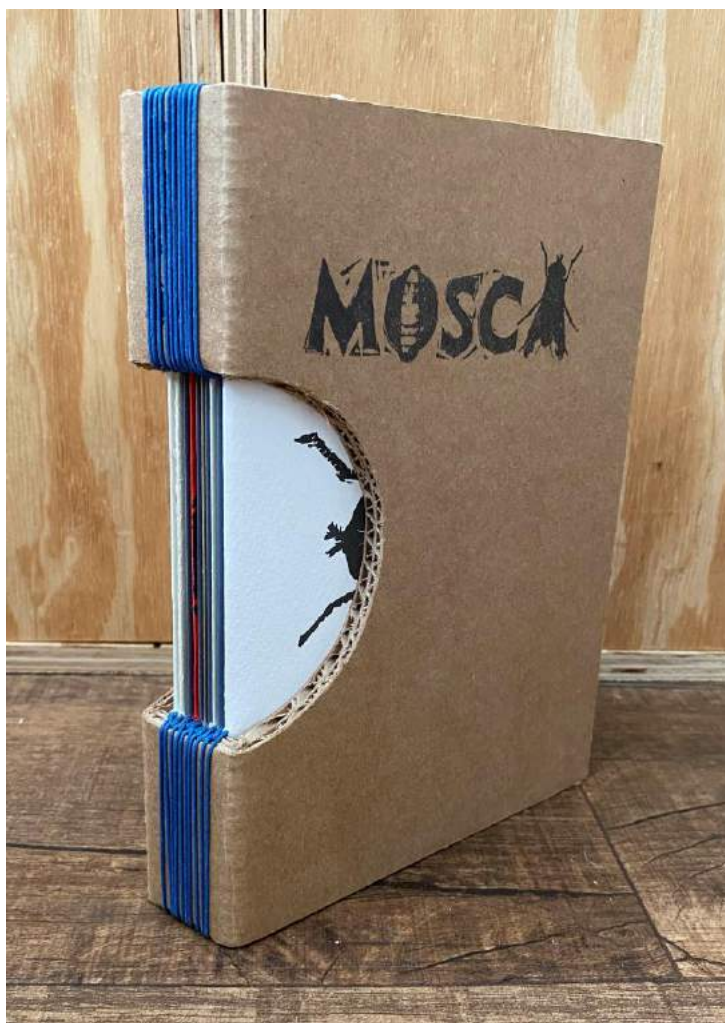
## Dods Martinelli e Edilson Rodrigues

Uma revista é uma publicação periódica, de cunho informativo ou de entretenimento, é o que diz o dicionário. A revista Mosca (ed. Álbum de Família/16x23cm/60pag/R\$ 149,) que lança seu 1º número, pode ser descrita assim, mas vai além. É uma 'revista de artista' que a cada número convida criadores e esses, a partir de uma 'palavra', desenvolvem um trabalho livremente. Só o tamanho dessas 'folhas' é estabelecido para formar o conjunto. O projeto é uma concepção dos artistas visuais Dods Martinelli e Edilson Rodrigues.

A palavra escolhida desse número é 'invisibilidade'. Participam, além dos idealizadores, artistas de diferentes formações, como Eliana Bianco, Estela Vilela, Giba Gomes, Ariana Assumpção e Dodi. Detalhe é que a revista é encadernada manualmente e foram feitos inicialmente 50 exemplares, com a costura 'longstitch buttonhole'. Nós conversamos com os organizadores, o paulista Edilson Rodrigues e o gaúcho, que vive em S. Paulo, Dods Martinelli.

**Entrevista****Conexão Literatura - De onde surgiu essa idéia de uma 'revista de artista'?**

**Edilson** - Da nossa inquietação artística. No último ano estive ligado a 'livros de artista' e publicações afins. Criei a editora Álbum de Família depois de anos fazendo encadernação e fotografia. Dods, por outro lado, acompanhou tudo isso e com a vontade dele de se expressar, as idéias surgiram: exposições, zine, livro, até que rolou a 'revista de artista'. Pensamos em dar uma palavra/desafio para os artistas, que fariam parte do trabalho. A recepção desses artistas foi ótima. Todos se prontificaram a fazer os 50 trabalhos. Assim, apesar de iguais, como são feitos manualmente torna cada revista única.

**Conexão Literatura - Como vocês decidem essa palavra com a qual os artistas serão 'estimulados'?**

**Dods** - A palavra 'invisibilidade' já estava em nossas conversas, pois para um artista entrar no circuito de arte continua difícil. São artistas incríveis sem espaço. O tema nasceu antes da revista. A palavra cria a unidade.

**Conexão Literatura - No caso dessa palavra 'invisibilidade', ela significa muita coisa hoje, num mundo repleto de 'coisas visíveis'. Qual o motivo?**

**Dods/Edilson** - A ideia foi pensar nessa 'invisibilidade' que os artistas enfrentam. Demos total liberdade para eles interpretarem e desenvolverem seus trabalhos. Assim surgiram criações completamente diferentes, até metalinguagem do processo artístico. Estas múltiplas

interpretações tornaram a revista rica, visualmente e culturalmente.

**Conexão Literatura - Como definem seus próprios trabalhos para esse número? Falem sobre.**

**Dods** - O meu chamei de 'Cegueira Seletiva' e falo de guerras da qual as vítimas são os pretos. Racismo e cegueira cobre toda a África, onde quase metade do povo vive em

conflito armado e não enxergamos. É como se pudesse acontecer, pois é com o 'povo negro'. É seletivo, racista. Isso está no suporte do papel, no qual mexo com creme de farinha, água, amido de milho etc, para materializar essa angústia. O mapa sem a África também faz parte do trabalho, reitera a idéia de que esse continente não é visto, é um fantasma...

**Edilson** - No de minha autoria, 'O meu não lugar', busquei um momento no qual me senti 'invisível'. Lancei a questão 'Você já se sentiu invisível?' para que cada um pudesse se identificar. Usei papel craft, que é considerado 'não nobre', fotos da época de quando este fato ocorreu e recortei minha imagem do ambiente. Bordei sobre uma delas deixando o verso do trabalho exposto fazendo uma alusão ao dito popular de que é 'pelo verso que se vê um bom trabalho'. Com isso conto da época em que fazia tricô e vendia blusas na empresa em que trabalhava dizendo que era minha mãe que fazia, pois não tinha coragem de contar que era eu, por causa do preconceito.

### **Conexão Literatura - Como vocês escolheram os artistas desse primeiro número?**

**Dods/Edilson** - Já os conhecíamos por termos estudarmos juntos ou participarmos de algum grupo. Ariana Assumpção usa a palavra muito bem e é uma ótima designer. Giba tem um trabalho com xilogravura que adoramos e o convidamos para o logo e a capa, além do autoral. Estela Vilela é nossa consultora e faz um trabalho de encadernação primoroso. Eliana Bianco é uma incrível artista que trabalha com aquarela. Dodi fez Artes Visuais e trabalha principalmente com processos fotográficos. Procuramos a diversidade de técnicas.

### **Conexão Literatura - No Brasil, temos tradição em publicar revistas de artista. Começa no Semana de Arte Moderna (1922), passa pelo pessoal da poesia Concreta, por exemplo. A que vocês creditam isso?**

**Dods/Edilson** - Artistas têm esta vocação para o coletivo. Encontrarem idéias comuns, unirem forças e criarem algo maior. A Mosca não é um manifesto, veio para somar e fazer a diferença. Os artistas selecionados possuem vasto conhecimento em técnicas da arte e somados tornam a revista algo único.

### **Conexão Literatura: Quais os próximos projetos da Álbum de Família?**

**Edilson** - A idéia é ser um canal para a materialização de projetos. Pode ser qualquer gênero literário ou artístico como poesia, crônica e livro de artista. Biografias mais intimistas mais focadas numa família, por exemplo, são uma das vertentes. Dods tem projetos de livros infantis e foto-livro. Estimulo pessoas a darem andamento em seus projetos e eu mesmo tenho ideias para livros de fotógrafos. Inclusive os meus.

### **Perguntas rápidas:**

**Edilson:**



Um livro: "*Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão. Iniciei uma fase de muitas descobertas literárias. Falei isso para o autor quando tive oportunidade de encontrá-lo".

Uma autora: "A poeta e cantora norte-americana Patti Smith. Depois de *Só garotos* (2010), li todos seus livros".

Uma atriz: "Marisa Orth, incrível atriz e cantora".

Um filme: "*O Baile* (1983) de Ettore Scola. Quando acabou foi difícil sair do cinema. Espetacular".

### **Dods**

Um livro: "*Livre - A Jornada de Uma Mulher Em Busca do Recomeço* (2012), da norte-americana Cheryl Strayed. Aborda a jornada de mudança de vida ao longo de uma viagem".

Uma autora: "Carolina Maria de Jesus (1914-1977), uma das primeiras escritoras negras do país".

Um ator e atriz: "Fernanda Montenegro e Fernando Torres".

Um filme: "*Closer - Perto demais* (2005), dirigido por Mike Nichols, com Julia Roberts e Jude Law".



Trabalho de Edilson Rodrigues

# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez  
um outono*

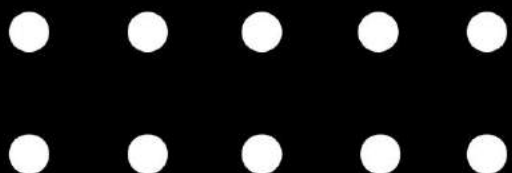


*Roberto Schima*

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

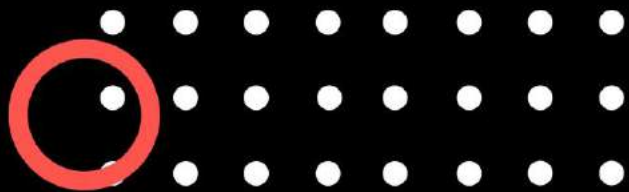
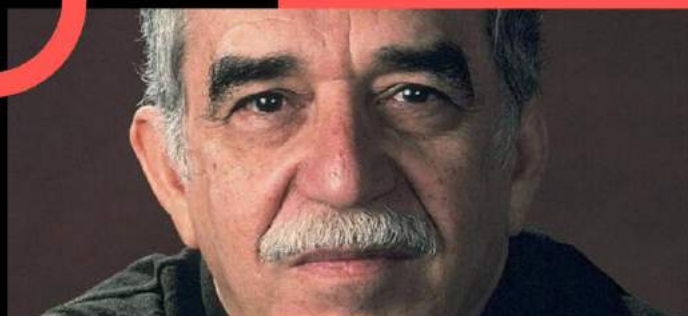
... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

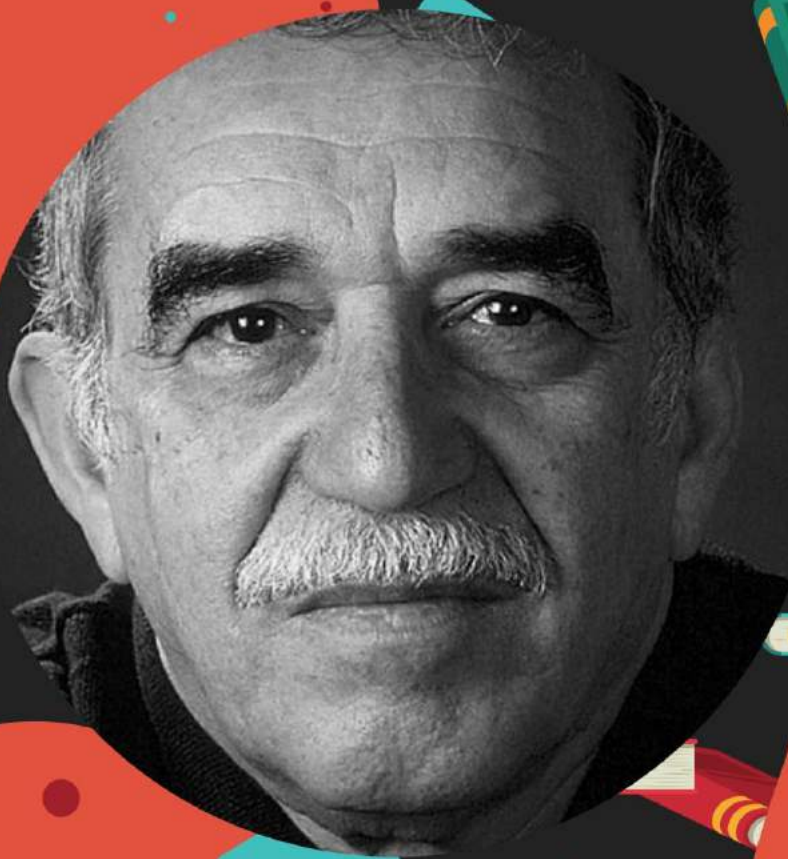
**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON



# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura





# GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

O único arrependimento  
que eu vou ter de morrer  
é se não for por amor.



## **CHARLES BUKOWSKI**

Nunca me senti só. Gosto de estar comigo mesmo. Sou a melhor forma de entretenimento que posso encontrar.



## MARTHA MEDEIROS

Onde, afinal, é o melhor lugar do mundo? Meu palpite: dentro de um abraço.




# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



## *Virado à paulista (parte II)*

**CONTO**

*"À noite, a onça não rugiu nenhuma vez na mata, cuja borda se situava a pouco mais de meio quilômetro de onde estavam."*

**BERT JR.**



À noite, a onça não rugiu nenhuma vez na mata, cuja borda se situava a pouco mais de meio quilômetro de onde estavam. Na cama, debaixo de três cobertores, Chiquinho ainda tremia de frio. O sono custou a chegar, não só porque o corpo tardou a se aquecer, mas também pela ansiedade provocada pelo desafio que tinha por diante. Temia o confronto com o queixada. Se sofresse alguma contusão grave, decerto seria eliminado da competição. Também o angustiava a comparação com o adversário. Parecia-lhe que o cearense gozava de certa vantagem nesse tipo de prova. Afinal de contas, ele, Chiquinho, era paulistano, nascera e crescera no maior centro urbano do Brasil. De família modesta, havia viajado muito pouco. Praticamente, a única natureza que conhecia era a do parque Ibirapuera. Já o cearense nascera no interior do seu estado natal, onde vivera até os treze anos de idade, quando a família se transferira para Fortaleza. Devido a seu histórico de vida, era muito provável que tivesse maior afinidade com coisas rústicas. Quando criança, devia ter aprendido a desviar-se das cabeçadas dos bodes e cabras, presenciado o abate de animais e observado as lides domésticas, ou mesmo ajudado no manejo das carcaças e no preparo dos pratos. Mesmo que nunca tivesse matado um porco do mato, possuía algum grau de familiaridade com o cenário que lhes estava destinado na prova. Em meio a tais pensamentos, Chiquinho adormeceu, sucumbindo ao cansaço da longa jornada e ao conforto de um ninho finalmente aquecido.

— Hora de acordar, que o dia hoje promete! — vociferou Trigrosso, às cinco da manhã.

A obrigação de preparar-se para enfrentar o teste decisivo retirou-os da cama sem delongas. No banheiro, já sabedores do nível de sofrimento, abreviaram os rituais de higiene e vestiram-se rápido. Dali foram para o curral, a ordenhar a vaca holandesa, e depois para a copa, onde tomaram o desjejum. A seguir, Trigrosso orientou-os a fazer exercícios de aquecimento e praticar um tempo mais com a lança, enquanto ele e os empregados da fazenda arrumavam a cena da prova.

O contrato que Chiquinho e Genival haviam assinado com a produção do programa os obrigava a manter sigilo sobre toda a etapa final do certame. Suspeitavam, agora, ao saber do que se tratava a prova, que Trigrosso apenas divulgaria, no *Tri Gastró*, os trechos menos contundentes, que não contivessem as cenas da batalha campal a ser travada dentro de instantes. Assim, imaginavam eles, o chef evitaria os problemas que poderiam surgir com entidades de proteção aos animais e seus ativistas.

Enquanto os candidatos se exercitavam, Trigrosso gravou, às escondidas, um pedaço do programa. “Estão vendo estas duas lanças que eu tenho aqui comigo? Parecem de verdade, não é mesmo? O detalhe é que elas têm ponta de borracha. Na hora ‘H’, eu vou trocar as lanças deles por estas aqui, mais inofensivas que espora em anca de bagual. Só que os concorrentes não sabem disso. Hahaha... Estão achando que vão matar o bicho a golpe de lança. Hahaha... Quanta ingenuidade, tchê! Só se fossem índios charruas com anos de treino nas costas, e olhe lá!”

Os competidores se admiraram quando, na hora da prova, o cameraman se aboletou no alto do cercado, com a câmera apontada para eles, e ouviram Trigrosso anunciar que tinha havido uma mudança de regra. Entrariam os dois ao mesmo tempo no cercado, junto com a dupla de queixadas. A mudança até trouxe certo alento psicológico aos concorrentes, pois é bom não estar sozinhos ao enfrentar o desconhecido. Quando pisaram o interior do quadrilátero, Trigrosso informou que a produção havia decidido trocar as lanças fabricadas por eles por outras melhores, de modo a garantir desempenho mais eficaz. Os dois receberam de bom grado as armas, sem perceber que sua ponta era de borracha. Convictos de que a mudança lhes fora vantajosa, concentraram a atenção na porteira da extremidade oposta, de onde os porcos selvagens seriam liberados para fazer sua entrada no ringue. Ao abrir-se a porteira, um dos peões aguilhoou os queixadas, a fim de impeli-los a uma participação ativa na refrega. A princípio, os animais procuraram manter-se afastados dos candidatos, mas estes puseram-se a cercá-los e espetá-los com suas lanças. Genival foi o primeiro a estranhar.

— Tô golpeando mas não tá acontecendo nada — gritou, exasperado.

— Dá-lhe com mais força — recomendou Trigrosso, segurando-se para não rir.

A certa altura, os queixadas irritaram-se com tanta espetada, pois as pontas de borracha dura, embora não ferissem, causavam tremendo desconforto. O primeiro a arremeter foi o de Genival, dos dois candidatos o mais empenhado em abater o seu exemplar, levando o cearense a precipitar-se na direção do cercado e subir por sua linha de tábuas com rapidez equiparável à de um sagui. Logo depois, os queixadas combinaram de arremeter juntos sobre Chiquinho, o qual jogou a lança de lado, em sinal de rendição. Os suínos selvagens, porém, sem entender aquele gesto civilizado, não viram razão para desistir do ataque. Num movimento circular, cortaram-lhe o caminho para o cercado, e o paulistano se pôs a correr num zigue-zague enlouquecido, no meio da arena, tentando driblar as focinhadas de um e de outro, enquanto gritava, desesperado: “alguém acuda, façam alguma coisa!” A um sinal de Trigrosso, dois dos peões da fazenda saltaram para a arena e desviaram a atenção dos animais, permitindo a Chiquinho, por fim, encontrar igual refúgio nas tábuas superiores do cercado.

Trigrosso estava feliz. As cenas seriam um sucesso e, sem dúvida, promoveriam o *Tri Gastrô* a novo patamar de audiência. Os candidatos, visivelmente estressados, foram poupados da tarefa de abater os animais. Aliás, apenas um dos queixadas foi sacrificado, pela mão experiente do melhor abatedor da fazenda, para servir aos propósitos da prova. Por decisão de Trigrosso, a cena do abate não foi filmada. Uma hora mais tarde, recompostos e com a indumentária requerida, os competidores ocuparam a cozinha rústica, que o proprietário fizera construir na área externa da casa pensando no programa. A carcaça do queixada jazia inteira sobre uma mesa de madeira, agregada ao cenário de forma a permitir que a ilha central da cozinha estivesse livre para o trabalho dos candidatos.

De frente para os finalistas, sob a lente da filmadora, o chef ditou o menu da prova. Em nova mudança de regras, desta feita os concorrentes teriam liberdade para

escolher o seu pedaço de porco e prepará-lo da forma como quisessem. O acompanhamento, porém, deveria consistir de tomates assados inteiros, recheados de farofa de cuscuz gauchesco com agrião e alho-poró. Chiquinho e Genival foram surpreendidos com o repentino grau de liberdade na fabricação do prato principal. O primeiro decidiu trabalhar com o pernil, enquanto o segundo optou pelo lombo. Chiquinho, com base em suas pesquisas, sabia da predileção do chef gaúcho pelo pedaço escolhido, mais saboroso e suculento que o lombo. Cabia-lhes, agora, a parte mais trabalhosa. Suspirando fundo, Chiquinho tomou a faca e dedicou-se à tarefa de cortar e pelar o pernil. De vez em quando mirava Genival, com o intuito de comparar o seu progresso ao do concorrente. O corte do lombo consistia em operação inegavelmente mais fácil, sem ossos, tendões e ligamentos para atrapalhar; além disso, a área a ser pelada era também menor. Por tudo isso, pensou, era compreensível que o serviço do Genival estivesse mais adiantado. Ainda assim, Chiquinho angustiou-se ao ver o adversário aplicar os dedos, em forma de ancinho, sobre a superfície do lombo e começar a raspar, com as unhas, os pelos remanescentes. Uns dez minutos depois, ele também atingiria a mesma etapa, só que, então, o cearense já tinha temperado o seu lombinho e o levava ao forno, de onde se via saírem os tomates recheados. Chiquinho quis desesperar-se, mas respirou e concentrou a atenção no que estava fazendo. Decidiu desfiar o pernil, para assá-lo com sal grosso e manjericão. Genival terminou primeiro a prova, apresentando o seu lombinho sob um molho reduzido de cenoura liquefeita com suco de laranja e toque de Cointreau. O cuscuz gauchesco estava farelento, como devia ser, e bem temperado, com folhas e talos de agrião e alho-poró. Trigrosso quis provar imediatamente o prato. Após saboreá-lo, arqueou levemente as sobrancelhas, balançando a cabeça em sinal afirmativo. Vinte minutos mais tarde, Chiquinho apresentou o seu. Pedacinhos largos de pernil desfiado, salpicados de tempero verde, cercavam três tomates assados que ocupavam o centro da cena feito vulcões, de cujas encostas rugosas se via escorrer uma lava amarelada. Quando o chef provou o prato, não arqueou as sobrancelhas nem balançou a cabeça, apenas mastigou duas garfadas, pensativo. Como a prova não previa sobremesa, os dois candidatos se retiraram. Iriam comer e repousar. O resultado seria anunciado mais tarde.

À diferença dos concursos culinários tradicionais, transmitidos pela televisão, em que os candidatos se perfilam na cozinha, em traje de chef, para ouvir o resultado da prova, Trigrosso preferiu montar uma roda de chimarrão no alpendre, para divulgar sua decisão numa atmosfera descontraída à moda gaúcha. Para lá se dirigiram, às quatro da tarde, vestidos à paisana, os dois finalistas. O chef os esperava de chimarrão feito e térmica cheia. Chiquinho carregava um mau pressentimento. Sabia que sua performance não fora brilhante. Tardara além do concorrente para finalizar o prato. Mesmo assim, queria acreditar que a escolha do pernil, pelo alinhamento com o paladar do chef, poderia mais do que compensar essa ligeira desvantagem e fazê-lo vencer a disputa. Na presença do cameraman, Trigrosso fez rodar o chimarrão entre os convidados, enquanto pedia o testemunho dos dois sobre toda a competição, especialmente a prova final. Os candidatos elogiaram a produção do programa e coincidiram na avaliação de que as provas, especialmente a última, os tinham obrigado a superar limites e desenvolver soluções improvisadas para atender às expectativas do chef. Havia atravessado momentos de

duro stress, como no duelo com os queixadas, e operado mediante técnicas inusitadas, como a da raspagem dos pelos de porco, feita com unhas de silicone de bordas reforçadas à base de pó de sílica. Mas tudo isso, declararam, ao obrigá-los a sair da zona de conforto, contribuirá para o aprimoramento profissional de ambos, assim como para seu amadurecimento pessoal.

Quando a cuia voltou a suas mãos, Trigrosso deu início à sentença decisiva acerca do resultado. Uma vez mais agradeceu a dedicação dos candidatos ao longo do concurso. Todos os dois tinham provado possuir as qualidades necessárias para a função de subchefe de cozinha.

— E mais, mostraram tamanha valentia e falta de frescura durante a competição, que, se eu fosse governador do Rio Grande, eu dava à dupla o título de gaúchos honorários. Agora, deixando de lero-lero, quero fazer a análise do desempenho de cada um. Genival, foste muito bem, guri! Fizeste a prova num tempo muito bom, demonstrando destreza no uso não só de técnicas tradicionais, como também heterodoxas. Me surpreendi com o teu lombinho de queixada regado ao molho de cenoura com sumo de laranja e Cointreau. Gostei porque a combinação me abriu o apetite e mostraste que lombinho de porco não precisa ficar seco e sem graça, falha muito comum entre chefs de cozinha. Também acertaste no preparo do cuscuz gauchesco, que deve ter aquela consistência mesmo, farelenta.

Então, virando-se para o outro.

— Chiquinho, te passaste no tempo, tchê! Demoraste mais que matungo em prova de cancha reta. O pernil desfiado foi bueno, mas no recheio do tomate meteste a pata. Pra tua informação, o teu recheio tava mais pra polenta que pra cuscuz gauchesco. Por isso, tudo devidamente considerado e exposto às claras, declaro o Genival como vitorioso.

Trigrosso levantou-se e abraçou o ganhador. Esforçando-se para dominar a emoção da derrota, Chiquinho cumprimentou o colega.

— Não te amofines por isso, meu guri — lhe disse Trigrosso. — O único perdedor aqui, hoje, foi o queixada. Segundo lugar em concurso do *Tri Gastrô* vale mais que muito primeiro prêmio por aí.

Depois, enlaçou Genival para uma pose diante da câmera.

De volta a São Paulo, Chiquinho procurava emprego em algum dos inúmeros bons restaurantes da metrópole, enquanto ia meditando sobre a experiência que tinha vivido. No curso dos dias, veio a compreender que cometera dois erros. Primeiro, cedera ao impulso de comparar-se com o adversário. O problema não era apenas o da comparação em base a quesitos técnicos, objetivos, terreno no qual os dois vinham mantendo performance similar até a prova final, mas sobretudo o de comparar-se em base à projeção de desempenhos hipotéticos. Chiquinho atribuíra vantagens imaginárias a seu concorrente, e isso terminou por abalar sua autoconfiança, subtraindo parte da energia psíquica necessária a que desse o melhor de si na fase decisiva do concurso. Era evidente,

por exemplo, que poderia ter esfolado o pernil em ritmo mais rápido, caso sua autoconfiança não estivesse abalada. Seu segundo erro fora não arriscar no momento oportuno. Nas etapas anteriores, a regra havia sido seguir as receitas ditadas por Trigrosso. Na prova final, entretanto, os candidatos contaram com plena liberdade para a concepção do prato principal. Seu oponente soubera aproveitar o momento para ser criativo e surpreender o chef. Ele, ao contrário, preferira não arriscar, concebendo um prato sem novidade, e ainda por cima errando na consistência do cuscuz. Embora soubesse que o amargo da derrota tardaria um tempo a dissipar-se, a clareza quanto aos erros cometidos veio trazer-lhe algum consolo.

Numa manhã paulistana normal, antes de sair para uma entrevista de trabalho num restaurante situado a mais de uma hora de distância, Chiquinho atendeu a uma chamada de Trigrosso.

— E aí, guri, como andas?

Estranhando o telefonema, Chiquinho respondeu que estava tudo bem, inclusive tinha uma entrevista de emprego naquela mesma manhã.

— Bom saber – disse Trigrosso, para logo acrescentar, à queima-roupa —, pois te ligo pra te oferecer a posição de meu subchef no *Tri Gastrô*.

— Como assim? — perguntou Chiquinho, incrédulo.

— É que o Genival queimou a largada — respondeu o chef. — E então? Ainda estás interessado? É pegar ou largar!

— Aceito, é claro — exclamou Chiquinho.

— Buenacho! Só que já sabes, vais ter que vir de muda pra Porto Alegre. Outra coisa, quero que venhas a trabalho neste próximo sábado. Convidei a Talípida Meri pra participar de um programa comigo. Ela sugeriu que fizéssemos um “virado à paulista”. Achei uma baita coincidência. Parecia que o Ginete do Universo me mandava um recado: chama o guri lá de São Paulo pra vaga de subchef. Que bom que tu aceitou. Agora, arruma tuas trouxas e vem, que tens trabalho a fazer.

O apartamento de cobertura em Porto Alegre tinha uma vista esplêndida sobre o rio Guaíba. Trigrosso instalara, no terraço, uma cozinha gourmet completa, protegida das intempéries por meio de portas corredeiras de vidro duplo. A manhã estava ensolarada e quente, isso em pleno agosto, tido como o mês mais frio e chuvoso do inverno gaúcho, o que significava que haviam sido premiados na roleta diária da mudança climática global. Talípida apresentou-se com o cabelo preso dentro do boné, como costumava fazer nos programas em que cozinhava. Vestia um conjunto de moletom de manga curta, cor laranja, e calçava um tênis de solado alto. Pouco antes de começar a gravação, enquanto Trigrosso mostrava a vista da cidade à convidada, Chiquinho aproximou-se do cameraman e, discretamente, perguntou o que havia acontecido com Genival. O rapaz contou que o chef demitira Genival sumariamente por causa de uma brincadeira infeliz. Ao comentar que havia convidado Talípida para fazerem um programa juntos, e que o

prato sugerido era virado à paulista, a primeira reação de Genival fora insinuar que a escolha do cardápio era coerente, pois a convidada devia ter bastante experiência no manejo de linguças. Aquele gracejo malicioso irritara Trigrosso, que, num rompante de indignação, expulsou o subchef de sua cozinha e do programa. “Pela forma como reagiu, acho que o Trigrosso deve ter uma queda pela Talípida”, confidenciou o cameraman.

A gravação começou com Talípida sendo apresentada por seu anfitrião mediante um galanteio.

— Hoje temos a honra de enfeitar o programa com a presença de uma das prendas mais lindas que andam por aí! Só a irmã gêmea se compara em formosura, mas aquela não dá pra trazer, porque é fresca demais pra se alimentar.

Em seguida, Chiquinho foi reapresentado ao público do *Tri Gastrô*.

— Resolvi chamar este guri aqui, finalista do concurso à vaga de subchef, e agora ele vai trabalhar comigo no programa. O outro tive que largar de mão. Era muito xucro, e não tenho paciência pra educar ninguém; só uns baguaizinhos, se acontecer de aparecerem, não é verdade?

E riu, dirigindo olhares à convidada.

Instantes mais tarde, quando o virado à paulista já começava a ser preparado, um estupefato Chiquinho assistiu a Trigrosso, dentes arreganhados, cutucar Talípida de lado com o cotovelo, para em seguida perguntar:

— E então, minha prenda, preferes meter a mão na linguça ou na banana?

## FIM

N.A.: Talípida Meri é a irmã gêmea onívora da ultravegana Talívda Mara. Ambas são personagens do conto *VegaLight*, um dos sete que formam parte do meu livro *Fict-Essays e contos mais leves* (ed. Labrador, 2020). *Virado à paulista* foi escrito quando o processo de editoração já se encontrava em marcha e, só por isso, ficou de fora da publicação.

\*\*\*

**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeirol*. É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.

Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

**NOSSO**

# **SILÊNCIO**

**TAMBÉM DESTROÍ**



**NOSSAS  
MATAS**



## *A viagem de Virgínia*

**MINICONTO**

"Depois de dirigir por horas em estradas secundárias em locais rurais de Portugal, o carro de Virgínia simplesmente parou."

**MÍRIAM SANTIAGO**



**D**epois de dirigir por horas em estradas secundárias em locais rurais de Portugal, o carro de Virgínia simplesmente parou. Com o celular sem sinal, naquela estrada escura, ela não tinha a quem recorrer. Após seis horas sem passar ninguém, o frio e o medo começaram a tomar conta de Virgínia. Era quase meia-noite e a lua estava cheia. De longe ela avista faróis se aproximando e iluminando o caminho. Dois homens grandes chegam e rebocam o carro até um posto mais próximo.

A tranquilidade durou pouco. Logo Virgínia observou olhares estranhos e risos sinistros. As conversas ela não mais as escutava. Trovões ecoaram pela estrada, que parecia sem fim.

Virgínia começou a ter calafrios e o pavor a dominou. Não conseguia mais distinguir os rapazes, que a ela, não pareciam mais humanos.

Desesperada, ela saltou do carro quando chegaram ao posto e atravessou a via correndo tentando escapar das criaturas. Um clarão surgiu em sua direção e com o impacto, ela não viu mais nada...

\*\*\*

— Pois foi isso que aconteceu seu guarda, explicava um dos rapazes. Começou a chover e a moça saltou do automóvel assustada e correu por entre os arbustos. Nós gritamos e tentamos alcançá-la, mas não deu tempo, pois um raio a acertou em cheio. Coitada, ainda não entendemos o que a fez agir assim...

\*\*\*

## TerrorZine

O miniconto homenageia as edições do TerrorZine, idealizado pelo editor-chefe Ademir Pascale e assessora Elenir Alves. Os minicontos tiveram início em 2008. Com proposta inicial histórias de terror, minicontos de ficção científica também fizeram parte das edições, sempre nos moldes de um autor por página.

A edição de número 27 “O Gato preto”, em 2012 foi a última e durante cinco anos diversos autores da literatura fantástica nacional passaram pelas edições da revista, ora com histórias ou entrevistas.

Deixo então aqui minha saudosa homenagem à rica atividade cultural.



**Miriam Santiago:** jornalista, atua em Assessoria de Comunicação, com graduação também em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, inclusive, teve um de seus contos selecionado por concurso cultural da Prefeitura de Santos. Escreve ainda minicontos, nanocontos e crônicas, divulgados no blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

**Blog:** <http://miriammorganuns.blogspot.com>

**Contato:** [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)

incentivo à leitura

## *Balada do cemitério do Alecrim*

**CONTO**

*"Definitivamente não se pode esconder a verdade dentro de um cofre de chumbo e escondê-la no fundo de um mar de águas profundas para sempre."*

**GILMAR DUARTE ROCHA**

**D**efinitivamente não se pode esconder a verdade dentro de um cofre de chumbo e escondê-la no fundo de um mar de águas profundas para sempre. Ela virá à tona, juntamente com o cofre, mais dia menos dia; mais ano menos ano; enfim, não sobreviverá, oculta, por todo o sempre.

Tive ciência dessa veracidade absoluta ainda cedo a partir do testemunho vivo de um estranho acontecimento na pequena cidade de Velho Aquino, lugar onde morei grande parte da minha infância e onde gozei alguns dos melhores dias da minha vida.

Nesse tempo, eu tinha doze anos e costumava ir para a escola municipal em companhia dos irmãos Damasceno, vizinhos de rua; companheiros de estripulias e filhos do homem mais respeitado da cidade, o juiz de direito James Damasceno. Eu e meu irmão Davi, um ano mais novo do que eu, tínhamos muita cumplicidade com os garotos Damasceno: Ariosto, o mais velho que tinha onze anos; Ludovico, o do meio que tinha dez anos e o caçula deles, o cego Ariovaldo, de apenas nove anos, que apenas aturávamos, em respeito à amizade, visto que o moleque, além de não ter a primazia de enxergar o mundo, pois era cego de nascença, era malcriado e dado a pechas e esquisitices.

Todo santo dia, de manhã bem cedo, saíamos de Aruanda, o bairro onde morávamos, que ficava localizado numa espécie de altiplano; descíamos a Avenida Ernesto Sá Santos; atravessávamos a ponte sobre o Rio de Contas; e íamos para o Colégio Municipal Evaldo Sá Santos Filho, o melhor estabelecimento de ensino da região, como diziam à época. Antes, contudo, tínhamos que deixar o invisual Ariovaldo numa escola especial para deficientes de visão e audição, uma espécie de anexo do colégio, uma primazia para a região e para a época, fruto do empenho do juiz Damasceno junto às autoridades estaduais.

Na escola, todo dia, antes do meio-dia, não tirávamos os olhos do grande relógio de ponteiros em formato gótico, esperando a qualquer momento o badalar da sineta que anunciava o fim da última aula diária. Nós, os Dubois e os Damasceno, tínhamos um pacto de construir um pequeno castelo no alto do morro do Alecrim, um logradouro de propriedade da prefeitura, ermo e pleno de pomares, uma espécie de parque, lugar onde também se estabelecia o único cemitério da cidade.

Para tal mister (construir um castelo de brinquedo), reservávamos o espaço entre o meio-dia e as duas horas da tarde, horário em que o vigia do horto do Alecrim, o rigoroso e rabugento Cabo Tenório, saía para almoçar e tirar a sesta, e só voltava para o trabalho lá pelas três horas da tarde, quando a cachaça deixava.

O diabo mesmo era convencer os nossos pais de que naquele período adicional, nós teríamos aula extra de Latim, e que essas aulas iriam até o meio da tarde, e para persuadi-los disso contávamos com a cumplicidade do velho professor de Latim, o italiano Abelardo Pietá, um homem de meia idade, dono de uma vastíssima cultura, como também de um anoso veículo do tipo Land Rover (o único sobrevivente da Segunda Guerra, como ele mesmo dizia), e que morava solitário numa pensão no centro da cidade.

Não foi fácil o professor Abelardo convencer os nossos pais, dado que ele tinha fama de comunista e comunista naquele tempo era sinônimo de leproso. Mas ele persuadiu os velhos Dubois e Damasceno, que impuseram a condição de que o professor nos acompanhasse no almoço no restaurante O Perdiz Dourado, localizado ao lado da escola, de propriedade de um parente da família Damasceno. Só depois da refeição é que poderíamos assistir as aulas de Latim.

Pois bem, finda as aulas do turno matutino, esquecíamos o professor Abelardo, esquecíamos o almoço, esquecíamos o Latim, corríamos para pegar o ceguinho Ariovaldo, e debandávamos em correria para as bandas do horto do Alecrim. Munidos de serra, serrote, martelo, pregos, parafusos, fita métrica e outros apetrechos de carpintaria, e tendo já adquirido uma boa quantidade de sobras de tábuas junto ao madeireiro do lugar, já tínhamos pronto o esqueleto do projeto do castelo, a rigor uma habitação suspensa de madeira, que ficaria encravada entre os troncos robustos de duas árvores de carvalho, a uma altura de três metros, e que para alcançá-la usávamos uma escada de metal dobrável, que afanamos de um velho eletricitista de nome Zé Popô. Eu — Salomão Damasceno — era o operário mestre e ficava sempre no degrau mais alto da escada com o martelo na mão e fazendo os primeiros ajustes das tábuas.

Todos nós trabalhávamos incessantemente, houvesse sol, caísse chuva. Exceto o pequeno e deficiente Ariovaldo, que cuidávamos de deixar brincando de carrinho numa área gramada bem perto do cemitério e que ficava ao lado do horto. Ariovaldo se entretinha com a brincadeira de carrinhos e raramente nos incomodava.

Pois bem, certo dia, quando a nossa casa de madeira começava a ganhar contorno e chegava à parte final, Ariovaldo resolveu a largar o espaço no relvado onde costumava brincar e se debandava (sem avisar a gente) para as bandas do cemitério, que era cercado por plantas do tipo aroeira pimenteira e sansão do campo.

Os seus irmãos Ariosto e Ludovico ficavam desesperados, pois tinham medo de que ele se ferisse com alguma carneira de piso quebrado ou alguma lápide de objeto pontiagudo, apesar de que eu sempre tinha a impressão de que pessoas com olho goro enxergavam mais do que a gente, dito possuintes de visão de águia. Os primeiros dias que ele fugia para lá, tinha o incômodo de suspender o nosso trabalho e irmos até o cemitério para recolher o fujão de volta à nossa companhia. Aconteceu que, lá pela segunda semana, ele não tirava o pé do majestoso túmulo do patriarca da cidade, Santoro Sá Santos, morto aos incríveis 117 anos de idade e enterrado há apenas cinco meses. O relevante sepulcro cheirava ainda a tinta fresca. Tudo bem que o túmulo era, a rigor, um mausoléu; grande, imponente, pleno de afrescos e com o rosto seco e esturricado do velho patriarca desenhado em bronze ao lado da bela imagem de Santa Brígida, a padroeira da cidade, na parte mais alta do monumento. Esplendor à parte, o que o cego Ariovaldo literalmente via naquele colosso? Pergunta que o irmão mais velho dele, Ariosto, se encarregou de fazer:

— Tem um corpo enterrado aqui embaixo do túmulo, Ariosto — ele respondeu o óbvio ao irmão, para nosso desespero e indignação. Ariosto deu uma bronca nele e disse

que havia mesmo um corpo ali enterrado e que o corpo pertencia ao patrono da cidade, o fundador de Velho Aquino.

— Não quis dizer isso — retrucou Ariovaldo, sempre com olhos virados para cima, balançando nervosamente as pálpebras. Ele prosseguiu: embaixo do corpo do velho está enterrado o corpo da menina Clarinha, filha do advogado Fragoso, amigo de nosso pai.

Opa! Que o garoto era cego, sabia-se; que estava mal da cabeça era novidade para a gente.

— Não brinque com coisa séria, Valdo — repreendeu Ariosto. — Clarinha, Maria Clara, era filha querida de Dr. Fragoso, amigo de nosso pai, e que foi raptada por um ser maligno que a levou para o estrangeiro, de acordo com a nossa polícia.

Ariosto tinha razão. O desaparecimento da garota Clara, uma bela menina de treze anos, de olhos azuis como topázio, cabelos cor de ouro anelados, pele alva feito algodão, cortejada e admirada por todos os garotos e rapazes da região, foi um terrível acontecimento que abateu a todos na cidade. Os policiais da região diziam que a menina foi de fato raptada e que a Interpol detectou rastros dela na cidade de Istambul, na Turquia. O pai dela estava simplesmente enlouquecido e já não trabalhava há cinco meses, época do desaparecimento dela.

Fomos todos para casa naquele dia prometendo adiantar o serviço do nosso Castelo do Horto — como passamos a denominar a nossa propriedade — e concluí-lo o mais rápido possível. Só que, no dia seguinte, uma quinta-feira, esquecemos de pedir para Ariovaldo parar de fazer as visitas ao campo santo.

E nesse dia, ele não só foi visitar o bendito túmulo, como também aprontou feio. Lá pelas uma e meia da tarde, quando nós quatro, eu, Ariosto, meu irmão Davi e Ludovico trabalhávamos na montagem do telhado de folha de piaçava amarela, ouvimos gritos vindos do lado de cemitério. Na sequência, toques de sirene do carro da polícia da cidade estrondava e chamava a atenção de tudo e de todos.

Como não via Ariovaldo por perto, chamei o meu amigo Ariosto e disse, em tom de preocupação:

— Ariosto, espero que não seja o que estou pensando.

— Também espero que não, Salomão. Mas vamos ter que ir ao cemitério agora — disse Ariosto.

Corremos em fila indiana até o muro verde do cemitério; rastejando, entramos por um buraco nas plantas, aberto pelo próprio Ariovaldo, e quando entramos na ala principal da cidade dos mortos, ficamos boquiabertos com o que vimos: Ariovaldo arranhou uma pá não sei de onde e danou a cavar um buraco ao lado do túmulo sagrado do patriarca. Corremos ao encontro dos policiais que o seguravam pelo braço, enquanto ele gritava feito louco.

— Quem sabe aqui onde mora esse pirralho cego? — perguntou um policial desinformado.

— É filho do juiz Damasceno — disse um outro policial, que de fato conhecia as pessoas importantes do lugar.

— Senhor, senhor — como eu era o menino mais velho do grupo, e, também, o mais alto, tomei à frente dos garotos e supliquei para o policial, tentando amenizar a situação e evitar o estrago quando o assunto chegasse ao conhecimento dos nossos pais. Tentei temporizar: ele é meu vizinho; é cego e tem muitos problemas; deixa que eu o levo para a casa dele.

— Salomão Dubois, o que você está fazendo aqui com essa roupa de colégio? — irrompeu nessa hora o escrivão de polícia, Arlindo Croix, amigo de meu pai, que apareceu de repente e estragou tudo.

Apesar da traquinagem infeliz de Ariovaldo ter abortado o nosso sonho juvenil e jogado literalmente uma pá de cal nas nossas brincadeiras no horto, o caso do buraco no cemitério (de quase um metro de profundidade) aberto pelo ceguinho, na medida em que o tempo passava, a terra que aplicaram às pressas para tampar a infeliz escavação dele era de péssima qualidade, como também inadequada para aquele tipo lugar, fazendo com que o cemitério passasse a ser infestado por uma praga de capim gordura que jardineiro nenhum dava conta de capinar. E capim gordura é o alimento preferido de preás e nas matas da redondeza da cidade o que não faltava eram preás, roedores que fizeram um estrago danado nos túmulos, mormente naqueles de defunto rico. O prefeito da cidade, Santoro Sá Santos III, neto do habitante do imponente túmulo violado pelo ceguinho Ariovaldo, ficou possesso e contratou a melhor empresa de restauração de campos elísios do Brasil. Passaram-se os dias e a obra nunca era concluída. Sempre aparecia um problema ou outro que atravancava o serviço de reforma do cemitério. Quis o destino que o engenheiro chefe da obra contraísse malária, sendo substituído por um estagiário que, desinformado sobre algumas orientações do prefeito, resolveu mexer na estrutura baixa do grandioso túmulo do patriarca. E a verdade absoluta que lhes falei no início dessa história veio à tona. O garoto Ariovaldo, que não enxergava as coisas do mundo material, tinha o dom iluminado de ter visões do além. Ele estava pleno de razão: quando os operários retiraram a arca funerária do patriarca do lugar onde estava enterrado, eis que apareceu, logo abaixo do majestoso túmulo, um pequeno defunto envolto num plástico grosso e transparente, lacrado por fitas poderosas. Quando conseguiram abrir aquele pacote que envolvia o defunto adjunto, eis que apareceu a figura da graciosa Maria Clara, morta, mas com o corpo incrivelmente bem conservado, parecendo que estava simplesmente dormindo. Os peritos médicos, que foram convocados com urgência, detectaram sinais de violação sexual, seguida de estripação vaginal, no corpo da querida filha do infeliz advogado Donaldto Frágoso.

A família Sá Santos, descendentes do patriarca e que ocupavam praticamente todos os cargos públicos da cidade, tinham muito que explicar à justiça. Eles se juntaram e começaram a enrolar os magistrados. Compravam advogados, juristas, Deus e o mundo.

Detonavam a fortuna para encobrir os fatos verídicos. Contudo, um acontecimento inusitado, longe do Brasil, jogou água na caldeira de mentiras deles.

Aconteceu que, algumas semanas depois do aparecimento do corpo de Clarinha, o jornal francês Le Monde estampava em manchete de primeira página que o janota brasileiro Aristides de Sá Santos, misto de artista plástico e tarado sexual, com ficha suja na justiça de Paris, inclusive com processo aberto de extradição, havia se suicidado, pulando de uma das plataformas de observação da Torre Eiffel. O suicida havia passado uma temporada de férias no Brasil, na cidade de Novo Aquino, exatamente na mesma época da morte e do enterro do patriarca, seu bisavô. Nada era coincidência! A casa caiu de vez para o clã Sá Santos e a justiça finalmente se fez prevalecer.



**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



## **Os donos da terra**

**CONTO**

*"A edição da revista famosa, no formato digital, trará um furo de reportagem, uma notificação dando foco à chegada da Hera de Aquários; serão várias laudas, uma informação centrada no futuro de tudo!"*

**IDICAMPOS**



A edição da revista famosa, no formato digital, trará um furo de reportagem, uma notificação dando foco à chegada da Hera de Aquários; serão várias laudas, uma informação centrada no futuro de tudo!

Os índios, os genuínos proprietários da terra, ligados na internet, visitam o site do astrólogo Hermano da Luz. O habilidoso observador dos astros, consciente da sua missão, revelador do mapa astral do planeta Terra, expõe o prenúncio dos novos tempos...

O líder dos silvícolas, entrevistado na oca central da tribo, concorda com as previsões do mago das estrelas, o iluminado Hermano, guardião do conhecimento hermético; o leitor do inconsciente coletivo do cosmos...

O astrólogo provoca os maldosos, insinua a paz aos seres de bom coração, descortinando o recado do universo, evidenciando a evolução da existência humana...

O meio de comunicação continua a cerca da construção do texto, afirmando na redação ser uma tomada de consciência jamais vista por estas bandas... O repórter, emocionado, descreve a descoberta de Hermano que observou no céu um encontro de luzes, no entorno da Constelação de Aquários.

Segundo o gênio, abalizado pelos nativos brasileiros, nos aguarda uma tomada de consciência, uma imponderação, um retorno ao paraíso... Para efetivar isso as aldeias de Paraty, Angra dos Reis e Maricá irão organizar uma assembleia.

A aldeia Raiz da Paz hospeda o congresso, reúne os irmãos, em Angra dos Reis, para discutirem a nova hera.

O indígena mais idoso — senhor do primeiro ato — lê o discurso aos irmãos, no idioma Tupi-Guarani (cordialmente traduzido por mim).

— Somos a química da terra, plataforma do fogo, filhos da água, nascidos do sopro do ar, frutos da natureza! Conclamamos as criaturas a se doarem à criação...

Impõem-se o amor a Terra, o carinho da criatura com o criador, o respeito à manjedoura da vida, o cultivo do jardim do pão, a preservação do cálice da água...

As vias respiratórias da existência suplicam a atenção com o ar que respiramos, reivindicamos uma gestão comprometida com a qualidade de vida, uma ação eficaz no controle da poluição desenfreada das metrópoles urbanas. Somos contra os abusos do capital, sujeito a interposição entre o ser e o ter.

A água, origem da vida, agoniza nas nascentes, envenenada por mercúrio, na extração do ouro. Até quando o nosso útero sobreviverá à ganância do lucro?

O fogo, mesmo usado tipo arma, insisti como confidente do espírito, relíquia da arquitetura do universo; purificador do astral, lanterna que ilumina o caminho dos buscadores da luz...

O nariz empinado do dinheiro debocha de Tupã — insisti o Pajé — propaga a tristeza da alma, estimula a depressão do indivíduo contemporâneo, o mal do século XXI. O ser é vítima de si mesmo — nas trapaças do ego — vivendo uma existência medíocre, insistindo na exploração do homem pelo próprio homem...

Depois, deste discurso, nos perdemos nas observações do asfalto, no compromisso de flagrar a história; nas considerações sinceras do jornalista, nas lágrimas do fotógrafo... A emoção tomou conta do conjunto, sensibilizou a imprensa paulista.

Absorto no contexto, o editor chefe reflete sobre a pauta da matéria, contemporiza as citações de Hermano da Luz... Viaja nos pensamentos, ratifica a crônica daquela sociedade alternativa.

O diretor geral dobra o cavalete, desmonta a máquina fotográfica, recolhe a resenha, despede-se do povo da floresta... Mobiliza a equipe, liga a camionete, esquentando o motor; vai transportar a notícia, descarregar no olhar da civilização a mensagem bombástica! Mostrando que literatura é feita de pura imaginação...



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



## *A caminho de Santa Clara*

### **CONTO**

*"Precisei ir a Santa Clara por motivo de trabalho. Sem automóvel, embarquei no primeiro horário de ônibus que atendia a cidade, a fim de chegar lá no mesmo dia."*

**IRACI J. MARIN**

**P**recisei ir a Santa Clara por motivo de trabalho. Sem automóvel, embarquei no primeiro horário de ônibus que atendia a cidade, a fim de chegar lá no mesmo dia.

Sentado na poltrona junto à janela, estava um senhor de meia idade, com pontos arroxeados no lado esquerdo da face. Olhou-me com ar de gracejo e esboçou um pequeno sorriso, acho que a título de saudação. Confirmei com ele se o ônibus passava por Santa Clara. Ao saber do meu destino, falou:

— Olha a coincidência. Eu também vou a Santa Clara.

Esperou que eu dissesse alguma coisa. Mas não falei nada. Não costumo conversar nas viagens de ônibus; viajo geralmente em silêncio, leio e durmo. Logo percebi que ele não.

— Aconteceu um fato muito interessante lá. Mas não adianta perguntar sobre isto pra eles porque vão dizer que é só boato.

Estava ali algo que me parecia desde logo interessante. Olhei para meu companheiro de viagem, demonstrando curiosidade. Ajeitou-se na poltrona, de modo a ficar meio voltado para o meu lado, e, entre alguns risinhos e tosses curtas, começou a falar.

— Santa Clara é uma cidade pequena. Era só um povoado, há anos. Foi quando aconteceu o caso que vou lhe contar. A cidade fica entre morros, tem bastante mato ao redor, alguns riachos e algumas pequenas cachoeiras. É um lugar bucólico, pro senhor entender de vez como Santa Clara é um lugar gostoso. Eu vou lá de vez em quando, como estou fazendo hoje, em sua amável companhia. Desta vez, vou visitar a Cachoeira dos Aflitos.

Tossiu, respirou, tossiu de novo.

— O caso envolve uma moça que morava há alguns quilômetros do povoado e se chamava Bianca. Diziam que tinha a pele bem branca, branca como a nata. Era branquinha e bonita. Tinha cabelos longos e pretos, os olhos... não sei, nunca me falaram dos olhos dela.

Saiu outro risinho. Desenhei mentalmente a figura de Bianca.

— O fato é que esta moça era bem estranha. A família estava acostumada, mas percebia que ela tinha atitudes diferentes; às vezes, pai e mãe falavam que ela parecia ‘um pouco descontada da cabeça’. As bizarrices dela eram visíveis, palpáveis e audíveis. Às vezes, falava sozinha; outras vezes, caminhava pelo pátio sem saber aonde ir; ou ia pro meio do pomar pra cantar. Engraçado que ninguém conhecia as canções que ela cantava. Seriam invenções próprias, criadas na hora, ou ela as inventava de noite, quando ficava acordada até tarde?

Olhou-me, talvez para captar meu pensamento, ou o que eu sentia; na verdade, eu nada sentia, nem pensava. Apenas acompanhava a sua descrição.

Pôs o punho fechado sobre a boca e tossiu.

— Desculpe. Eu tenho um pequeno problema de garganta e, quando a tosse vem, não tem como segurar. Bem, eu falava de Bianca, né? Quando ela aparecia no povoado, não tinha quem não ficasse olhando. Os garotos se babavam com a sua beleza, com o jeito de caminhar, com o jeito de balançar os braços. Até eu...

Depois de olhar rapidamente a paisagem pela janela, retomou a história.

— Chegou um dia que todo mundo ficou sabendo de suas bizarrices. Meu Deus, aí ninguém mais se interessou por ela. Mas isto não a preocupava, parece. Pelo visto, ela vivia mais pra dentro dela do que pra fora. Veja que eu estou falando estas coisas que são dela, do seu viver individual, e não se pode saber ao certo. Nunca vai se saber.

Olhou-me sério.

— O senhor me entende?

Eu fiz movimento positivo com a cabeça e novos traços da moça apareceram em minha mente. Veio um elogio:

— Eu vi desde o começo que o senhor é uma pessoa inteligente. Falei pra mim mesmo: vai ser bom viajar na companhia deste senhor. Aliás, a gente não se apresentou. Eu me chamo Aristeu.

Eu disse que me chamava João.

— Muito prazer, seu João. Vamos continuar com a história, então, que é muito interessante. Ela tinha outra bizarrice: fazia tiro ao alvo no tronco grosso e macio de um umbu, com a espingarda que era do avô. Embora tivessem alguma preocupação, os pais não interferiam: a filha era inofensiva. Mas o cerne da história é outro. Ela tinha o costume de tomar banho no riacho que cruzava por entre as lavouras deles e por um bosque. O bosque era muito bonito. Ela ia tomar banho sozinha, no fim da tarde. Não fazia isto todos os dias e a família não se importava quando a via indo em direção ao riacho com a sua toalha branca pendurada no ombro ou no pescoço. Se banhava calmamente num remanso do riacho, num lugar bastante fechado pela vegetação do bosque.

Fez uma pausa e, com um gesto de mão, expressou que eu aguardasse. Soltou um risinho calculado e percebi que ia contar algo inusitado e revelador.

— Acontece que ela tomava banho pelada. Peladinha. Sem nadinha de roupa. Imagina o senhor uma moça com corpo bonito, branco, bem branco, no meio das águas transparentes de um riacho...

Eu ia perguntar como descobriram que ela tomava banho pelada. Ele deve ter adivinhado meu pensamento.

— Como todo mundo ficou sabendo?

Olhei para ele com ar interrogativo.

— Pois é. Acontece que, um dia, uns meninos brincavam no pátio da casa da família dela — era um irmão pequeno, uns primos e um garoto da vizinhança. Viram ela sair com a toalha no ombro. “Olhem, a Bianca vai tomar banho no riacho”, disse o irmãozinho. Pararam a brincadeira. O garoto do vizinho falou: “Ela vai sozinha? Não tem medo?” O irmão respondeu: “Ela tá acostumada. Vai sempre sozinha”. Ficaram olhando a moça indo sossegadamente em direção ao riacho. Chegou, tirou o vestido (diziam que ia sempre sem nada por baixo) e entrou na água.

Parou de falar. Olhou para fora de novo. Estava fazendo um suspense?

— Sabe o que os meninos fizeram?

Claro que eu imaginei o que eles fizeram.

— Esperaram ela entrar no bosque e foram atrás, devagar, sem algazarra. Chegaram perto do lugar do banho e viram ela na água, nua. Nadava, boiava, ia até a beira do riacho e ficava de pé um instante, atirando água pra cima com as mãos ou alisando os

cabelos. Nadava de novo, mergulhava. O menino do vizinho falou: “Como ela é bonita!” Depois de alguns minutos, um primo disse: “Já vimos ela tomando banho. Agora vamos embora antes que veja a gente”. O irmãozinho falou: “Não vamos contar pra ninguém. A gente pode até levar castigo”.

Ele parou de falar. Respirou. Esperou. Tossiu, desta vez baixando a cabeça. Olhou-me, abriu um sorriso que me pareceu malicioso.

— Era de se esperar que os meninos, menos o irmãozinho, contassem o que viram... A notícia se espalhou. Todo mundo ficou sabendo que Bianca tomava banho pelada e sozinha no riacho. Aí é que aconteceu a coisa mais interessante desta história toda. Daquele dia em diante todo dia tinha curioso querendo ver a moça no remanso. Eu já disse que ela não ia todos os dias, né? Então. Ela não foi dois ou três dias seguidos, daí alguns chegaram a dizer que aquela história era mentira.

Levantou a mão como a informar que aguardasse um instante. Tossiu duas vezes, expulsou um pigarro colado na garganta e prosseguiu.

— Um dia, ela retornou. Tirou o vestido e o deixou próximo de uma árvore, como sempre fazia. Foi quando ouviu um barulho. Olhou ao redor, viu arbustos balançando. Botou o vestido e foi verificar o que era... e dois rapazes saíram correndo. Naquele dia tomou banho com roupa.

Eu soltei um muxoxo sem graça. Aristeu olhou-me, balançou a cabeça e continuou.

— O fato levou-a a desconfiar de que outros poderiam esconder-se entre os arbustos em outras ocasiões. Aí deu de ser esperta, ou precavida. Passou a levar a espingarda do avô e dava uns tiros ao léu logo que chegava. Sempre tinha um ou outro escondido, que saía correndo de medo... Daí foi aquilo, né? Ninguém confirmava que tinha ido ver a moça se banhando no riacho, mesmo tendo marcas na cara ou nas costas.

Parou de falar e olhou para frente. Eu perguntei se era mesmo verdade. Olhou-me e afirmou:

— É verdade. Isto aconteceu e eu sou prova.

Suspendi o corpo e voltei o rosto rapidamente para ele, na expectativa da revelação.

— Eu a vi quando visitei Santa Clara pela primeira vez. Conversava com um conhecido quando ela passou ao longe. Caminhava com aquele jeito bonito dela. O homem então me falou do caso que era assunto no povoado e me convidou para a aventura, e fomos.

Deu uma risadinha de nada e olhou-me de soslaio.

— Já sabe o que aconteceu... Olha pro meu rosto...

Calou-se. Eu comentei:

— É realmente uma história interessante.

— Eu não falei?

Confirmei com leve balanço da cabeça e um meio sorriso. Pedi licença, baixei o encosto do banco e dormi o resto da viagem, com Bianca viajando pelada por dentro de minhas pálpebras.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul — RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com).



## Orações de Pombos

**CONTO**

*"Qual será o Deus que os pombos cultuam? Será ele feito à imagem e semelhança de seus adoradores, como os nossos? Será ele capaz de ouvir suas preces ou mesmo de responde-las?"*

**NEY ALENCAR**

Qual será o Deus que os pombos cultuam? Será ele feito à imagem e semelhança de seus adoradores, como os nossos? Será ele capaz de ouvir suas preces ou mesmo de responde-las? Será que ele pode atender seus pedidos?

Estas eram perguntas que nenhum homem jamais se fez!

Roberto jamais imaginou que tais pensamentos espúrios passassem por sua imaginação, no entanto foi assim que aconteceu, ainda que apenas por um instante fugaz!

Sua casa ficava nos subúrbios, uma região asfaltada e pouco arborizada, não havia muitos pássaros por lá, mas havia pombos em grande quantidade. Uma horda deles!

Roberto não gostava deles, talvez eles também não gostassem dele, não sabia ao certo.

Era um sentimento estranho!

Ele os execrava! Para ele as avezinhas não passavam de ratos com asas, transmissores alados de doenças, uma praga que destruía sua horta, sujava suas calçadas e seu carro.

Criaturas bestiais, sem outro propósito que não zombar dele e insultá-lo com sua imundície. Cansara-se afinal!

Certo dia espalhou armadilhas e ratoeiras por todo o quintal recheadas com milho, alpiste e pão branco.

Os dias que se seguiram representaram um verdadeiro holocausto entre as avezinhas.

Dezenas delas foram vítimas das armadilhas traiçoeiras, muitas foram abatidas e um sem número perdeu os pés ou teve as asas quebradas.

Com o passar do tempo cada vez menos delas apareceram pelo quintal de Roberto e menos ainda vieram revolver-lhe a horta.

As calçadas e o carro, porém, continuavam sendo o alvo preferido das avezinhas.

Por vezes Roberto parava, no início da manhã ou no fim da tarde, e ficava observando-as pousadas pelos fios de luz e nos beirais das casas vizinhas.

Sempre com as caras viradas para ele, os bicos fechados e os olhos negros que o olhavam sem sequer piscar. Era tudo muito estranho!

No começo eram apenas alguns, mas depois tornaram-se dezenas.

Pousados à observarem-no de seus poleiros distantes.

Nem mesmo o grito solitário de um gavião os fazia fugir.

Certa vez viu a silhueta da ave de rapina preparando-se para um voo rasante que certamente lhe renderia uma presa.

Então, de súbito ela mudou a direção do voo e foi embora, quase como se estivesse com medo deles!

Roberto não entendeu o que acontecera.

Naquela noite teve um acidente com uma colher que caiu dentro do liquidificador e por pouco não se machucou sério.

Não ligou. Acidentes aconteciam.

Nas semanas que se seguiram ele começou a ouvir o arrulhar dos pombos.

No começo apenas como um sussurro. Como um leve zumbido persistente.



Depois aumentou e lhe pareceu que era como uma estranha litania, como se houvessem palavras dentro daqueles sons, na realidade uma palavra apenas, repetida uma centena, um milhar de vezes.

Depois percebeu que era um nome!

Não conseguia discernir qual era, pois não era falado em língua humana.

O som, a reverberação dele, ficou gravada em sua mente.

Aquele arrulhar maldito não o deixava mais em paz, nem mesmo quando estava dormindo ou quando estava trabalhando no centro da cidade.

Nem mesmo quando não havia pombos por perto.

Podia ouvi-lo claramente em sua mente!

Sua boca tentava reproduzir o som, ainda que de forma inconsciente, mas não conseguia.

Aquilo o estava enlouquecendo!

Até o dia em que parou.

Foi tão súbito quanto começara. Uma manhã já não havia pombos ao redor da casa.

Não conseguia ouvir seu arrulhar.

Foi como se um grande vácuo o envolvesse.

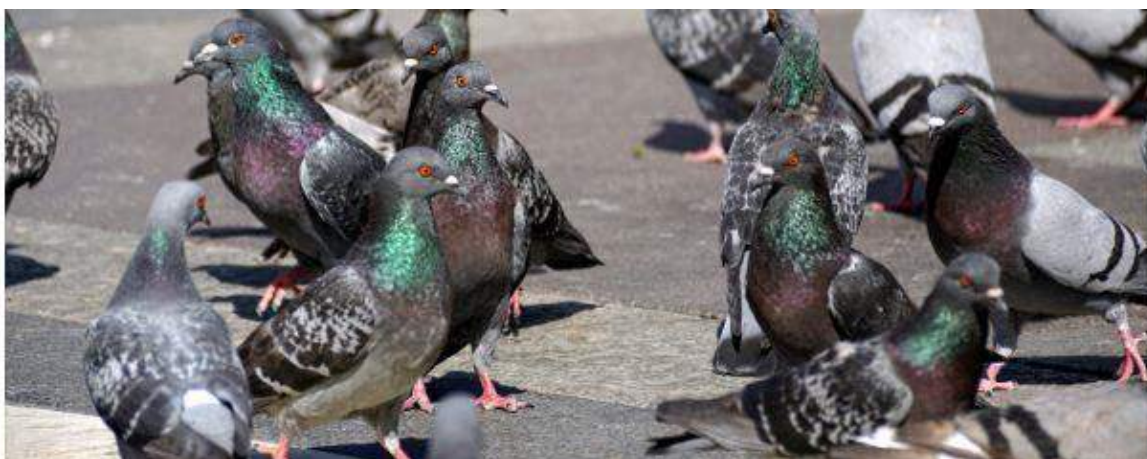
Saiu para a rua procurando, mas não os encontrou.

Algo em sua mente surgiu, como uma coceira que não conseguia coçar, e seus lábios inconscientemente murmuraram aquele nome blasfemo com um arrulhar horrendo!

A surpresa sacrílega o pegou desprevenido, assim como o caminhão desembestado!

Naqueles derradeiros instantes, fugazes até para o próprio tempo, Roberto se perguntou desesperado:

“Que Deus os pombos adoram?”



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



## Caixa de Memórias

**CONTO**

*"O Tempo com "T" maiúsculo possuía seu peculiar toque de Midas. Cuidava de transformar montanhas em rochedos, rochedos em seixos e seixos em areia."*

**ROBERTO SCHIMA**

**T**empo...

O Tempo com "T" maiúsculo possuía seu peculiar toque de Midas. Cuidava de transformar montanhas em rochedos, rochedos em seixos e seixos em areia. Conduzia toda a alegria, a tristeza, a realidade, o sonho, a humildade, o orgulho, a honestidade, a hipocrisia, a sinceridade, a mentira, a dignidade, a cafajestice, o amor e o ódio a uma vala comum sete palmos de terra abaixo ou a um punhadinho de cinzas disperso pelo vento. Nem mundos inteiros ou sequer as estrelas do firmamento escapavam de seu poder. Os sábios diziam que tudo era relativo, todavia, o poder de mutação do Tempo era absoluto.

Intuitivamente, o idoso sabia disso, pois sentia-o na própria pele. Sem mergulhar nos meandros filosóficos dos mistérios infindáveis do universo e dentro de sua simplicidade de ex-motorista de caminhão aposentado, Seu Jidelson, nos quase noventa anos de vida, compreendia a transformação do ovo em lagarta e da lagarta em borboleta. Não fora sempre assim. Mais do que ninguém, ele bem o compreendia, pois, por mais irreverente e avoado que tivesse sido na juventude, nas décadas que se seguiram a vida lhe ensinara um mínimo de senso de contemplação, humildade e reverência.

O Tempo lhe roubara muita coisa: inúmeros pertences pessoais, os cabelos negros, várias pessoas que amava — principalmente a esposa, Joceline —, fragmentos preciosos de memória e, em particular, sua própria vida que, invariavelmente, se esvaía. Dormia a maior parte do tempo. Ao menos em sonho, sentia-se livre e feliz.

— Já deu banho no velho? — indagou o filho de Seu Jidelson para a irmã.

— Dei e tomei banho junto — reclamou a mulher. — O pai tá um caco, mas se esperneia mais que lambari na frigideira. A próxima vez é sua!

— Não precisa lembrar. Comigo ele fica quieto.

— Sorte sua!

Os irmãos, beirando os setenta anos, tampouco eram jovens. Bem poderiam ver refletidos no Seu Jidelson seus próprios futuros. Mas, por ora, preferiam fazer-se de cegos. Se compreendiam o porquê do pai protestar ao se ver nu diante da filha, sob seus cuidados e despojado de toda a dignidade, tampouco davam a entender. Tinham-no por caduco, gagá, esclerosado, e assim preferiam pensar a ter de lidar com o sofrimento causado pela decrepitude avançada e o desfecho inevitável.

A menina entrou correndo na casa.

— Biso! Biso! Biso!

Chamava-se Jelvane, a bisneta raspa de tacho, vivaz no alto de seus dez anos. Mostrava-se alheia às questões de gente grande, exceto num ponto: não via o idoso como alguém que perdera os parafusos. Era o seu aniversário e, em razão da saúde debilitada de Seu Jidelson, a comemoração estava sendo realizada onde este morava. Ela deveria ser o alvo das atenções, porém, após a cantoria de parabéns, entrega dos presentes e tiradas de fotografias, as pessoas reuniram-se em rodinhas com aqueles que tinham maior afinidade, ignorando-a por completo, bocas cheias de bolo, doces, salgados, cerveja ou refrigerante. Ela ganhou bonecas, roupas, material escolar e bijuterias.

A família reunida conversava entre si sobre seus problemas corriqueiros, as novidades, as fofocas e assuntos afins. A data fora mais um pretexto para se reunirem e trocar figurinhas. Risadas e queixumes revezavam-se. Brincadeiras, provocações,

desabafos, gozações. Exageravam nas realizações, minimizavam os fiascos e omitiam o fundamental.

Jelvane tornara-se transparente.

Mas havia uma exceção.

Também ignorado:

Seu Jidelson.

— Biso!

Apesar da vista fraca, os olhos injetados num canto obscuro do quartinho adjacente à sala — originalmente destinada a ser uma despensa — procuraram pela bisneta.

— Jel?

— Sou eu!

Quando o olhar da menina encontrou o do bisavô, o rosto do idoso se iluminou. Acenou para a bisneta, chamando-a. Prontamente, Jelvane largou a boneca de plástico no chão e correu junto ao velho.

O corpo esquelético da tonalidade de papiro estava sentado sobre a cama. Pesava pouco mais de quarenta quilos e em nada lembrava o homem que fora em seu auge, quando tinha mais do dobro desse peso e o triplo do vigor de qualquer um naquela casa.

O toque de Midas.

A metamorfose.

E o Tempo.

— Vem cá, Jel — pediu numa voz fraca.

— Tá bom, biso.

A criança se sentou de um pulo, sem se dar conta das dores provocadas nos ossos do velho, o qual tampouco deixou transparecer.

— Como está a festinha?

— Tá — respondeu a bisneta, dando de ombros.

— Entendi.

Os dois riram.

Ele admirou a juventude da menina, as covinhas, seu ar impetuoso e indiferente diante de toda uma vida que esperava por ela. Foi dominado por uma mistura de alegria e tristeza diante das incertezas do amanhã. Acontecesse o que acontecesse, era a vida dela e todos tinham seu caminho a trilhar, suas histórias por escrever, lembrar ou esquecer, incluindo Jelvane. Falou:

— Não tinha dinheiro pra comprar seu presente...

— Nem precisava, biso. O senhor é o meu presente.

O ex-motorista de caminhão se comoveu diante das palavras da menina e do beijo estalado que recebeu na bochecha flácida. Era muito mais do que esperaria dos demais familiares em um mês... em um ano.

— E você é o meu, Jel. Fico feliz por ter vivido o suficiente para conhecê-la. Pena que Joceline, sua bisavó, não teve essa oportunidade. Veja isto aqui.

A bisneta franziu o cenho.

Era uma caixa de madeira escura e sem brilho. Pelo aspecto gasto, devia ser muito antiga.

A criança a tocou. Sentiu sua solidez e o peso.

— É pesada — disse.

— O peso de uma vida — falou o bisavô, sorrindo. — Abra.

Jelvane obedeceu.

Havia todo um sortimento de objetos dentro dela.

— Seus avós e seus pais consideram essas coisas apenas bugigangas, cacarecos, trecos, tralhas... lixo enfim. Espero convencê-la de que são ao menos um pouquinho mais do que isso. Como deve saber, estou doente e não viverei muito. Aliás, vivi mais do que o bastante...

— Não quero saber! — exclamou a menina, levando as mãos às orelhas.

Seu Jidelson sorriu outra vez, desta vez sem achar graça.

— Não há nada a temer, Jel. É só outra etapa. É o descanso. É a ausência de dor: a dor no corpo, a dor das recordações, a dor do vazio das conversas, a dor do silêncio, a dor da solidão. Eu já vivi tanto! Havia tanto por dizer, todavia, o mundo é surdo. Entre todas as contradições, talvez a existência humana seja a maior delas. Quando você acha que já aprendeu o suficiente para fazer-se ouvir, chegou o tempo em que ninguém mais quer lhe escutar.

— Eu escuto... — murmurou a menina.

Ao se dar conta do olhar lacrimejante da bisneta, o idoso interrompeu suas divagações.

— Ah, o que é isso, anjinho? Nada de tristeza! É o seu aniversário. Está ficando mocinha e seu sorriso é um presente que você dá para todos nós. Sim, você sempre foi minha melhor ouvinte. Então, deixa eu contar sobre o conteúdo desta caixa.

Para os pais e avós de Jelvane, aquelas coisas podiam não passar de tranqueiras, contudo, diante dos olhas ávidos e curiosos da menina, constituíam-se num verdadeiro tesouro. E, a medida em que Seu Jidelson narrava a história de cada uma delas, seu valor elevava-se às alturas.

Retirando pequenos envelopes plásticos, o velho descreveu:

— Estes são os dentes de leite do primeiro cão que eu e sua bisavó tivemos, Rex. Pequeninhos, não? Quem poderia imaginar o gigante que ele iria se tornar? Este aqui são mechas de seu pelo em diferentes fases da vida. Ah, Rex! O que ele tinha de grande, tinha de dengoso. Quando manuseio esses dentinhos e o pelo, é como se um filme passasse diante de mim. Vejo Rex: a época que ele veio, como foi crescendo, nossos passeios e brincadeiras, quando envelheceu e se foi. São uma ponte até ele, vínculos concretos entre mim e aquela criaturinha adorável. Ele nunca me deixou ou deixará. E eu jamais esqueci.

— Eu gosto de cachorro, biso, mas papai não deixa eu ter um. Diz que faz barulho e sujeira.

— Bem sei onde está o barulho e a imundície... Você teria adorado o Rex, Jel. Isto aqui é uma pedrinha de rio que apanhei num dos passeios ao lado de sua bisavó, ainda no tempo em que namorávamos. Veja como é redondinha e lisa. Bonita, não? A natureza é farta em prodígios. O rio era um lugar gostoso para caminhar. Havia muitas árvores nas margens que faziam sombras deliciosas nas tardes mais quente. Alamandas trepavam nos troncos e galhos, enfeitando-os de flores amarelas. Víamos o peixes nadarem contra a

correnteza de águas transparentes: guarus, tilápias e traíras. O modo como os feixes de luz se refletiam nos cabelos de Joceline... Depois, derrubaram tudo, a poluição tomou conta, os peixes morreram e, finalmente, canalizaram o rio. Chamaram de progresso. Do que eu chamei você é nova demais para saber...

— Todo rio que vejo tem água suja e fedida.

O idoso fez cara feia.

— É o valor que se dá a natureza. Sabe, Jel, um dos grandes erros da humanidade foi o de se divorciar dela, construir cidades, cimentar e asfaltar tudo, matar a terra, derrubar as árvores e se achar algo especial, independente, superior e acima. Uma besta que é, isso sim. Somos parte da natureza, contidos nela. Antigamente, as pessoas mantinham um pedaço de terra no quintal onde cresciam árvores ou arbustos, cultivavam suas verduras e ervas ou, ao menos, um jardim. Hoje em dia, nem isso...

— A mãe diz que planta faz sujeira.

— Seu pai e sua mãe fariam melhor se enxergassem a sujeira da alma.

— O que, biso?

— Ah, nada não. Deixa pra lá. Ei, aqui está uma mecha de cabelos de Joceline! Loiros por causa da descendência holandesa. Devia ter por volta de dezessete anos. Foi uma moça bonita e delicada. Veja, esta é uma fotografia dela. Pena que desbotou com o tempo.

— Ela se parece com a vovó!

— Sua avó é que se parece com ela — corrigiu. — Esta outra pedra, um quartzo, apanhei no fundo do quintal da casa dela. Para seus pais, Jel, é só uma pedra. Pra mim, é o passado ainda vivo em minhas mãos. Faz com que eu me recorde daqueles momentos ou busque na memória o que vivenciei. As pessoas adoram dar lições de moral. Dizem que devemos deixar o passado onde ele ficou — para trás — e seguir em frente. Por isso, não fazem questão de preservar as coisas, jogando-as fora. Quando muito, tiram fotografias. Mas quantos, de fato, observam as antigas imagens e procuram extrair algo mais profundo delas, daquele momento, das pessoas que lá estão eternizadas, além de um comentário superficial do tipo: "Como fulano era gordo! Olha que penteado esquisito! Que carro velho! Que vestido cafona!" Todavia, o passado é a base daquilo que nos tornamos. Sem a base, ficamos sem chão! Você sabe ler porque, no passado, um professor ensinou. Você tem educação porque, desde pequena, aprendeu de alguém. De que vale uma árvore sem sua raiz?

Jelvane ficou pensativa. Sabia que o bisavô falava coisas importantes e sempre se mostrou satisfeita por ele tratá-la de igual para igual, por mais que ela fosse muito nova para acompanhá-lo. Ele fora seu principal mestre. Embora sem estudo formal, sempre gostara de ler de tudo um pouco. Ensinar-lhe a criar muitas coisas. Aprendera a fazer aviões de papel; um em particular lembrava uma ave de asas abertas a planar no céu e levava mais tempo a cair do que os outros modelos. Tinha um brinquedo simples, feito de carretel de linha vazio, um toco de vela, palitos de fósforo e elástico. Girava-se o palito no elástico, o qual passava dentro do carretel e armazenava a energia cinética. O toco de vela atuava como freio. Soltava-se o palito e o carretel girava, fazendo o conjunto andar feito um carrinho. Aprendera a fazer uma capucheta a partir de folhas de jornal o qual empinara durante um passeio à praia. Sempre considerara as brincadeiras de meninos

mais interessantes do que bonecas e panelinhas. Divertia-se com essas coisas simples e engenhosas muito mais do que brinquedos sofisticados de pilha onde não passava de espectadora.

O mundo de Seu Jidelson, outrora tão grande quanto longas e esparramadas eram as estradas percorridas por seu caminhão, reduzira-se ao cubículo onde vivia confinado. A seu modo, o aposento era também uma caixa de madeira a conter suas bugigangas: retratos na parede, uma estante e seus alfarrábios, revistas, sapatos, um calendário de mais de meio século, uma bengala e um boné. E, claro, ele próprio.

— Cada objeto tem uma história, um significado para mim — explicou o ex-motorista de caminhão. — A molecada do meu tempo se alegrava com muito pouco. Toda a infância podia se resumir a um punhado de bolinhas de gude, um pião e a fieira, um telefone de barbante e duas latinhas, ou até um par de mãos vazias numa brincadeira de esconde-esconde. Veja, essas tampinhas de garrafa e marcas de cigarro, Jel. Colecionei quando tinha mais ou menos a sua idade. Eu e meus amiguinhos perambulávamos pelas ruas, procurando e catando na frente dos bares, na sarjeta e em terrenos baldios. Para nós, era uma grande aventura: nunca sabíamos o que iríamos encontrar. Uma tampinha mais difícil era motivo de festa. Divertíamos-nos a colecionar, trocar as repetidas, admirar as gravuras. Na época de São João, soltávamos balões de papel de seda. Quando algum caía, corríamos atrás. Despedaçávamos o balão e pegávamos os pedaços de papel sujos de fuligem. Fazíamos recortes que, no final, pareciam flocos de neve. Embrulhávamos numa pedra e atirávamos para o alto. Lá em cima, o papel se desprendia e era levado pelo vento. Claro, os balões eram perigosos, contudo, para as crianças que fomos, tudo era só alegria. Qualquer perigo daquele tempo nem se comparava ao que o mundo se tornou hoje...

Mostrou outras fotos envelhecidas e explicou quem eram as pessoas, como foram as suas vidas e o que se fez de cada um deles.

— O que é isso? — apontou a menina.

Lembrava vagamente uma serpentina de carnaval.

— É um rolo de fita. Era assim que se gravavam vozes e músicas. Neste aqui estou eu e sua bisavó. Tem seus avós matraqueando quando eram crianças e até sua mãe ainda bebê. Como era chorona! Há muito tempo que não ouço, pois o aparelho para reproduzir não existe mais. É pena. Queria tanto escutar a voz de Joceline outra vez! Oh, nesta caderneta tenho tudo anotado: a origem de cada objeto, seu significado, alguma curiosidade. Traz minhas impressões sobre a vida em geral e a que vivi, o que pensei, o que fiz e o que sonhei. Só não garanto que dê para ler tudo: minha caligrafia nunca foi boa.

A criança ouviu e observou atentamente. Como o bisavô, era considerada um tanto esquisita. E, dentro dessa esquisitice, deu-se conta da preciosidade que ele mantivera guardado naquela caixa de madeira por décadas sobre a história da família em geral, a dele em particular, o mundo em que vivera e que, agora, não passava de um conjunto de recordações desbotadas e fragmentárias. Viu um cadeado antigo, ainda com a chave, um relógio de pulso Cyma sem a pulseira, um minúsculo vidro de perfume cujo conteúdo não soube identificar, figurinhas de goma de mascar, cédulas dos anos 50 e 60, calendários de bolso, medalhas de "Honra ao Mérito", um soldadinho de plástico...

— Brinquei muito com ele — falou o idoso. — Ele vinha de brinde numa maria-mole. Juntava modelos diferentes e brincava de guerra na rua, erguendo barricadas de caixinhas de fósforo e morros de punhados de terra ou areia. Sim, eu sei que a guerra não tem nada de bonito, assim como balões podem causar incêndios, mas crianças são crianças e imitam gente grande para o bem e para o mal.

— Eu queria brincar de guerra também!

O velho riu.

— Seus pais me matariam se eu tivesse preservado meu revólver de espoleta e desse a você.

— Espoleta?

Ele explicou.

— Fazia um barulho danado.

— Que pena que não tem mais...

O homem frágil concluiu, quase ofegante de tanto esforço ao falar:

— É o que eu posso lhe dar de aniversário, Jel.

E entregou a pesada caixa para a bisneta.

Se fosse um baú de tesouro pirata ela não teria arregalado mais os olhos ou segurado com maior cuidado. Deixou a caixa um momento na cama e abraçou apertado Seu Jidelson. De algum modo, compreendeu o significado do presente. Não era somente um presente de aniversário. O velho legava a ela o seu passado, a sua própria vida.

Jelvane assumiu para si o compromisso de encontrar o aparelho que permitisse ao bisavô ouvir novamente a voz da falecida esposa. Suplicou aos pais nesse sentido. Embora de má vontade, o pai pesquisou na Internet. Sempre havia alguém que colecionava coisas antigas como rádios, televisores, computadores. Quem sabe, não haveria um gravador de rolo? A busca demorou até terminar numa pessoa que possuía um aparelho desse em condições de funcionamento. Ele não vendia, mas por uma determinada quantia, poderia converter a gravação da fita para o formato digital e passar para um *pendrive*.

— Vai custar sua mesada...

— Não tem importância!

Foi feito.

Então, feliz da vida, Jelvane foi até a casa dos avós, onde o bisavô residia.

— Biso! Biso! Biso!

O idoso já estava nas últimas. Mal encontrou forças para erguer as pálpebras. Não passava de um graveto seco prestes a se desprender da árvore.

O coração doía enquanto Jelvane ajustava os fones de ouvido em Seu Jidelson. Então, pressionou a tecla *Play* no visor do *smartphone*, conforme o pai ensinara. Sentiu-se recompensada quando o esboço de um sorriso surgiu dos lábios do bisavô.

— Joceline... — sussurraram os lábios cansados. — Joceline...

Lágrimas brotaram dos olhos do velho. Sorria e chorava. Chorava e sorria.

— Meu Deus... Joceline!

A medida em que a gravação prosseguia, seu sorriso abriu-a mais e mais. O rosto se iluminou. Seus pensamentos viajaram por memórias passadas, quando o mundo era



diferente, senão melhor era, pelo menos, o seu mundo. Fazia parte dele e nele sentia-se em casa.

— Oh, Joceline...

Assim, Seu Jidelson faleceu, ou melhor, descansou.

Apesar da tristeza, Jelvane sentiu-se leve e satisfeita diante da missão cumprida. Na nova etapa, seu bisavô seguiria feliz ao lado da mulher que amava.

Alguns parentes lamentaram. Outros acharam ruim o inconveniente.

Jelvane se consolou diante da preciosa caixa de memórias herdada do velho.

O Tempo com "T" maiúsculo e seu peculiar toque de Midas cuidou de, anos depois, fazer de Jelvane uma mulher adulta. Ao lembrar o bisavô, escreveu um livro sobre suas recordações e o que dele aprendeu. Mencionou a festa do décimo aniversário, o minucioso conteúdo da caixa, o significado do presente para ela e o rolo de fita. Incluiu retalhos históricos da época de cada objeto, imagens e a genealogia de seus antepassados. Foi um relato emocionante, eloquente, de natureza pessoal e documental. Lançou-o através de uma plataforma de autopublicação. Não se poderia dizer que se tornou um *best seller*. Tampouco seria a intenção de Jelvane.

Significava uma homenagem ao bisavô.

Representava seu amor pelo ex-motorista de caminhão.

E, desafiando o Tempo, era uma maneira de fazê-lo viver para sempre.

Colocou um exemplar da obra dentro da caixa de memórias, foi até o cemitério e a enterrou junto à sepultura de Seu Jidelson. Do retrato na lápide, o homem esquelético sorria para ela.

— Obrigada, biso. Talvez goste de saber: também estou organizando a minha própria caixa.

Na lápide, a inscrição era a estrofe de um poema que o falecido jamais concluíra. Constava na caderneta que viera junto com os outros "cacarecos" da caixa de memórias. Dizia:

*Em meio ao deserto, eu sou um rochedo.  
Como tantos outros em volta, estou a ficar.  
Sob o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas,  
guardo o meu tempo e a eternidade acabar.*



**Roberto Schima:** Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de duzentas e nove antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



# Próximas Leituras

PARA IMPRIMIR



Mês:

Livro: \_\_\_\_\_

Livro: \_\_\_\_\_



Mês:

Livro: \_\_\_\_\_

Livro: \_\_\_\_\_



Mês:

Livro: \_\_\_\_\_

Livro: \_\_\_\_\_



Mês:

Livro: \_\_\_\_\_

Livro: \_\_\_\_\_



Já são mais de  
**420 mil seguidores**

Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e  
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de  
**3 milhões de acessos**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015

92 edições

disponíveis

entre em contato:

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale



Ademir Pascale  
Escritor e Editor

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.03.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

**Youtube:** @conexaonerd